

ILUSTRAÇÃO

N.º 296 — 13.º ano



O BEIJO DE JUDAS

(Quadro de MIGUEL LUPI)

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais do-
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas
e cimentos — Socorros de urgência — Lavo-
res e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 33\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e Impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Uma chavena d'
'OVOMALTINE'

*pela manhã
dá energias para um
dia de trabalho
ao deitar
assegura um sono
tranquilo e natural.*

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercenarias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata
DR. A. WANDER S. A. - BERNE
ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:
ALVES & C.ª (IRMÃOS) - RUA DOS CORREIROS, 41-2.ª - LISBOA

**GRAVADORES
IMPRESSORES**

Bertrand, Irmãos, L.ª

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podes acalmar as vossas dores com o ?

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades
médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
*Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez
da sua acção.*

À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

À VENDA:

NOVIDADE LITERÁRIA

**ANASTÁCIO DA CUNHA,
o lente penitenciado**

(VIDA E OBRA)

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 286 págs., broch. **12\$00**
Pelo correio à cobrança **13\$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



**Elasticidade
significa bem estar**

Com boa disposição vencem-se todos os obstáculos. Não sofra de dores de dentes ou de cabeça — recorra já á



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA



Venda em todas as Pharmacias

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

PRESENTE a todas as leitoras



Para tornar conhecida a nossa casa distribuimos por todas as leitoras desta revista um relógio igual ao desenho para prender à casa do botão da lapela como é actualmente grande moda em Paris. Este magnifico relógio-boteira imita perfeitamente os relógios do género de maior valor. São montados em verdadeiro couro, elegantes e de apresentação cuidada. A este agradável presente juntamos, sem qualquer compromisso para os leitores, o nosso novo catálogo pormenorizado das nossas últimas novidades parisienses. Remetam-nos este anúncio com o vosso endereço muito

legível, juntando Esc. 5\$00 em estampilhas postais e receberão na volta do correio o nosso magnifico presente ao qual darão, certamente o melhor acolhimento.

A cada leitora não poderá ser oferecido mais do que um presente

**AMERADO-BIJOUX, 34, rue Drouot
PARIS 9, Service 153**

Sucesso de livraria:

PRIMEIRO PRÉMIO

De romances em língua francesa no Concurso Internacional de romances sobre o bolchevismo

O Império dos Sem-Deus

POR PIERRE CROIDYS

Romance de costumes soviéticos

No concurso constituído por ilustres escritores ingleses, alemães, espanhóis, russos e belgas, presidido por Henry Bordeaux, da Academia Francesa, foram apresentados cento e nove manuscritos, sendo cinquenta e um franceses. O júri, após 17 meses, que foi o tempo que levou a ler todos esses originais, concedeu o 1.º prémio ao romance *L'Empire des Sans-Dieu* de Pierre Croidys.

1 vol. de 520 págs., ilust. com 11 grav.
e o retrato do autor, broc. **12\$00**
Pelo correio à cobrança . **13\$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: -
2 0535

N.º 296 - 18.º ANO
16 - ABRIL - 1938

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A GUERRA EM ESPANHA

ENQUANTO se realizavam as tradicionais procissões da Semana Santa em Sevilha, as tropas nacionalistas da frente de Aragão retomavam a ofensiva na Catalunha, orgulhosas do seu avanço que num mês abrangeu 26 mil quilómetros quadrados de território e ocupando 260 cidades, vilas e aldeias.

Mas, segundo um testemunho insofismável, este avanço é mais grandioso ainda nos seus pormenores. Ei-lo:

"Partidos da linha Huesca-Saragoça-Teruel, os corpos de exército dos generais Solchaga, Yague, Garcia Valino e Aranda, juntamente com o corpo de legionários, encontram-se hoje — uma pausa antes de novos esforços — numa linha que, de norte a sul, passa pelo rio Noguera Pallareza, Segre do Ebro (mesmo em frente de Mora del Ebro) e depois desce até

frente de Tortosa, ficando pelos arredores de S. Mateus. Nesta frente, de 280 quilómetros, dois sectores têm importância capital: Em volta de Lérida, o primeiro. Dali parte a estrada para Barcelona e que atravessa o coração da Catalunha; Mora del Ebro a S. Mateus, o segundo. Nesta linha os nacionalistas estão distanciados do mar de 20 a 40 quilómetros, conforme os pontos, e dominam as regiões de Tortosa e Vinaroz.

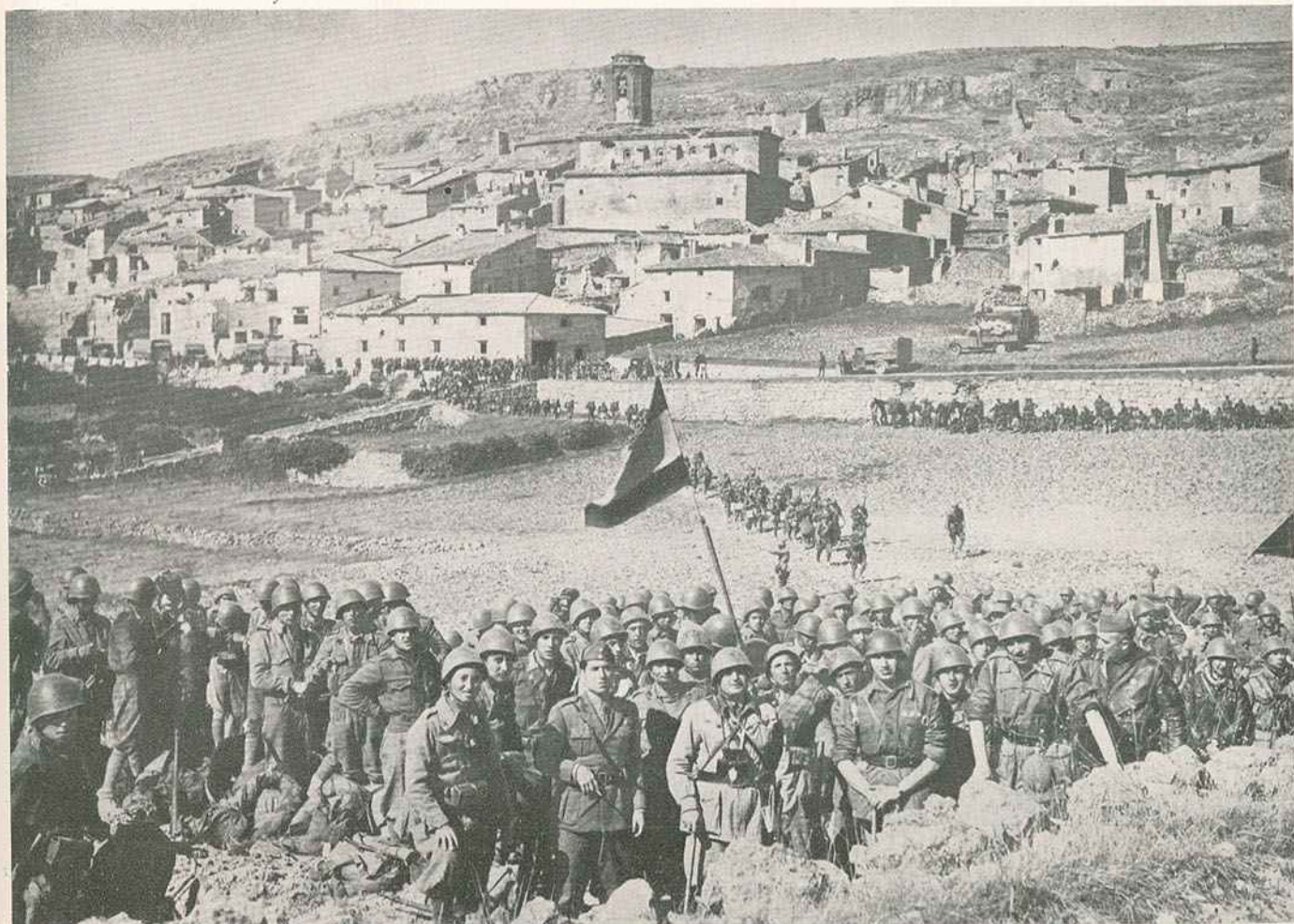
Em face disto, não será difícil prever o rápido desfecho desta guerra de que sairão triunfantes as nobres tradições espanholas.

Uma informação de Perpilhão diz que "as populações das aldeias das províncias de Aragão e Lérida fugiram, com objectos

de primeira necessidade e gado, a-fim-de — dizem elas — privar os nacionalistas de abastecimentos. Seis mil refugiados chegaram a Seo d'Urgel, pela estrada directa que liga esta vila a Lérida. Como Seo d'Urgel é muito pequena, o abastecimento de tanta gente não é possível, excepto no que diz respeito ao leite. Os refugiados tiveram que dormir nas ruas, debaixo dos alpendres. Chegou-se a recear, em território francês, que estes refugiados atravessassem a fronteira, mas o governo espanhol tomou disposições para canalizar os refugiados aragoneses para Puigcerda e Gerona. Os carabineiros espanhóis exercem vigilância apertada ao longo da fronteira de Andorra, a-fim-de prevenirem um exodo possível.

É este o panorama da guerra que en-sagüenta Espanha.

Na frente de Aragão



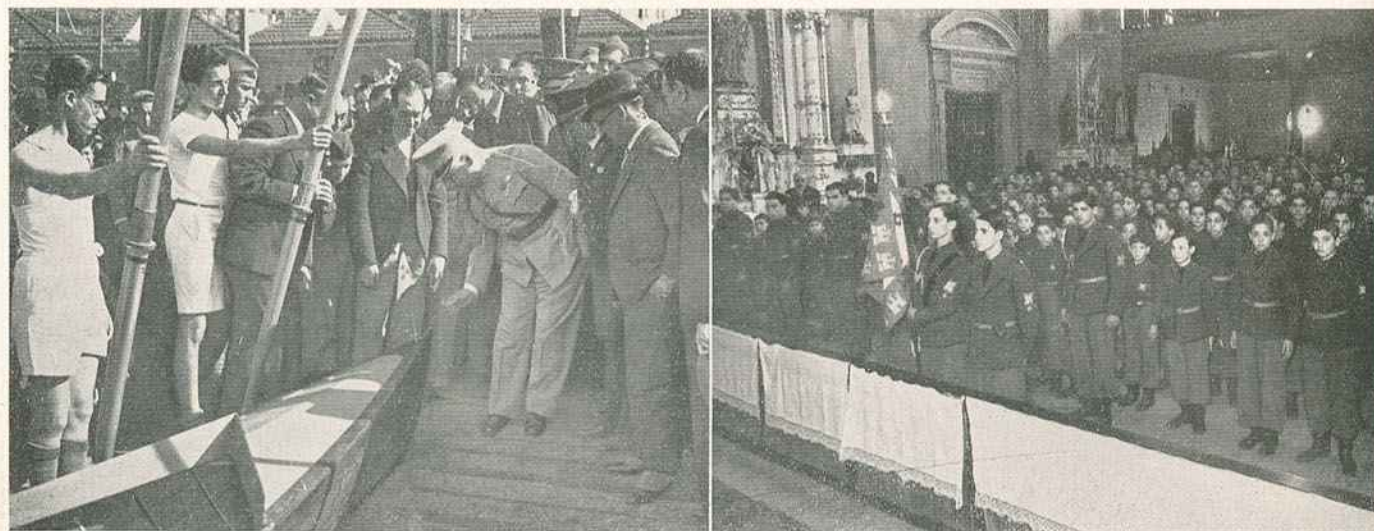


NOTÍCIAS DA QUINZENA

Dois aspectos do incêndio num prédio da Covilhã que colocou uma família em perigo e originou centenas de contos de prejuízos. Êste sinistro, apesar de todo o seu horror, veio patentear mais uma vez os dotes de coragem e abnegação dos nossos bombeiros que não esmorecem perante o maior perigo, cumprindo assim aquela honrosa divisa "Vida por Vida!", que tanto os engrandece e dignifica



Na sede da benemérita associação dos Bombeiros Voluntários de Matozinhos-Leça efectuou-se a imposição da medalha de ouro do Instituto de Socorros a Náufragos na bandeira da corporação e das insígnias de Cavaleiro da Ordem de Benemerência ao comandante adjunto, sr. Cesário dos Santos Bento, consoante as gravuras acima mostram



No Pôrto celebrou-se a cerimónia do baptismo e lançamento à água de dois barcos de corrida da "Ala," n.º 2 da "Mocidade Portuguesa.". A gravura acima mostra o representante do sr. Comandante da Região procedendo ao baptismo do "Ave". — À direita: Um aspecto da recepção da bandeira da "Mocidade Portuguesa" pelos alunos do Liceu Rodrigues de Freitas

ACTUALIDADES

DA

QUINZENA

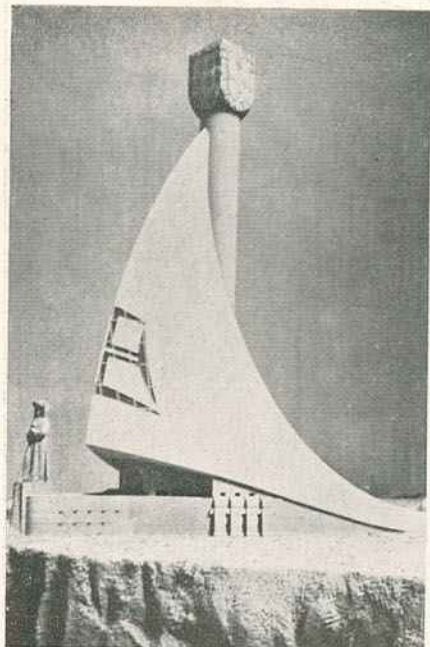
O sr. Presidente da República e o ministro da Educação Nacional visitando a 35.^a Exposição Nacional de Belas Artes. Este interessante certame não destoa dos abertos nos anos anteriores, podendo até dizer-se que os artistas concorrentes primaram por conseguir mais e melhor. Esta exposição está sendo visitada por centenas de pessoas que saem patenteando a sua admiração por tudo o que viram. Bom seria que além dessa admiração gratuita, houvesse mais compradores auxiliando-se assim os artistas e encorajando-os para novos empreendimentos



Os académicos que assistiram à primeira reunião plenária da Academia Portuguesa de História, vendo-se ao centro o presidente, sr. dr. Ribeiro de Vasconcelos entre os srs. dr. José Maria Rodrigues e embaixador do Brasil



A esposa do Chefe do Estado com as demais senhoras que tomaram parte na reunião da Grande Comissão de Beneficência e Propaganda da Semana da Tuberculose. A venda do emblema realizar-se-à no dia 2 de Maio, tendo a sr.^a D. Maria do Carmo Fragoço Carmona tomado gentilmente a seu cargo a zona de Cascais e Estoril



O Infante D. Henrique vai ter o monumento há tanto tempo anunciado, e que, em boa verdade, era devido o imortal iniciador dos nossos descobrimentos marítimos. Damos acima o projecto do architecto Carlos Ramos, escultor Leopoldo de Almeida e pintor Almada Negreiros, que obteve o primeiro prémio (30 contos) para o monumento a erigir ao glorioso Vedor de Sagres. Ficará assim saldada uma velha dívida que o monumento levantado no Pôrto não era bastante para amortizar. Se o Norte falou, era justo que o Sul se pronunciasse também

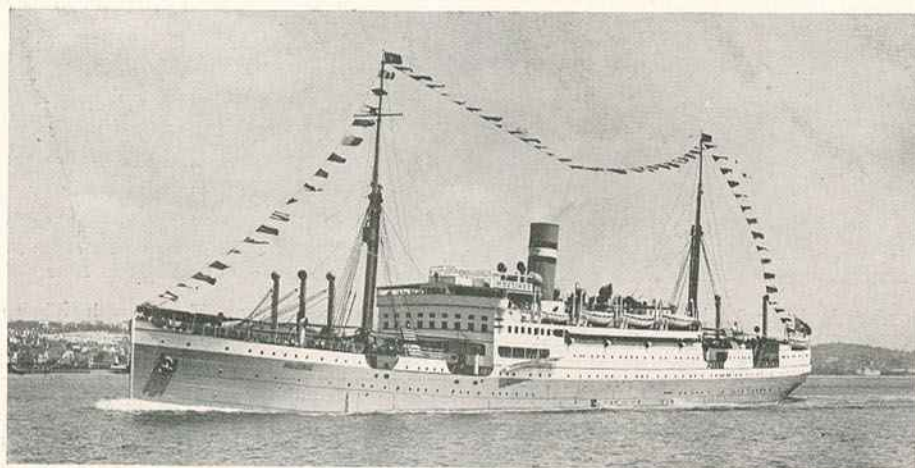
DOIS BELOS MONUMENTOS



A cabeça do Infante D. Henrique, do projecto premiado em primeiro lugar



O mestre templário Gualdim Pais na magnífica estátua de bronze que o ilustre escultor Macário Diniz modelou numa rajada de feliz inspiração e será inaugurada em breve na Praça da República em Tomar. O trabalho de fundição foi feito em Gaia, honrando, não só a casa fundidora, mas a indústria nacional. Desde há muito que esta grande figura da História Pátria merecia uma evocação condigna. Teve-a agora. Macário Diniz soube dar vida a êsse bronze



Marinha Mercante Nacional

Paquete "Mousinho"

SEM cêdo houve navegação de comércio na terra lusitana.

Em 1194 já naufragava no mar do norte um barco português com carregamento. Todavia, a Marinha Mercante Nacional, se ainda existe, deve-se à tenacidade de alguns portugueses de rija tempera. Avultam, entre estes, os directores da Companhia Colonial e, mormente, o seu presidente, sr. Bernardino Corrêa.

A Companhia Colonial, fazendo mais um enorme esforço em benefício das Colónias, restaurou completamente o seu paquete *Mousinho*, que ficou sendo a melhor unidade da Marinha Mercante Nacional.

No dia em que o *Mousinho*, a 9 do corrente, reen- trou nas carreiras da África, a Companhia Colonial ofereceu a bordo uma simpática festa, que serviu de pretexto para notáveis afirmações de patriotismo, tendo discursado, entre outros, os srs. Bernardino Corrêa e drs. Soares da Fonseca, Lopes da Fonseca e Amaral Pyrraitt.



Em cima: O paquete Mousinho no dia da soida

A' esquerda: A Direcção da Companhia Colonial de Navegação com o delegado do Governo e um dos inspectores

A' direita: Salão das senhoras do paquete Mousinho



Na 35.^a Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes

A 35.^a Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes inaugurada, há dias, com a presença do Chefe do Estado, continua a atrair as atenções do público! São cerca de trezentos os trabalhos expostos, alguns dos quais verdadeiramente magistrais.

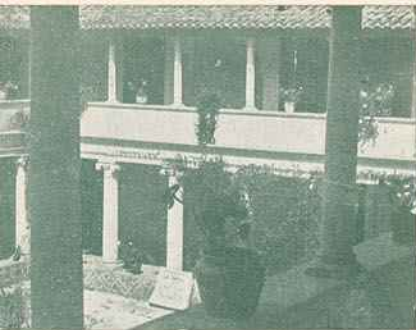
Na impossibilidade de os reproduzirmos a todos, damos uma amostra com o belo quadro de Mestre Carlos Reis, em que a própria natureza morta, tem vida, frescura e côr. Só um pincel habituado a realizar prodígios consegue fazer realçar uma banalidade que se nos depara a cada passo sem que tivéssemos reparado nela um momento que fôsse. Foi talvez por isso mesmo que o excelso pintor das *Moleiras*, das *Cantigas de amor*, de *Uma saúde aos noivos*, da *Feira* e tantas e tantas obras primas cheias de movimento, côr e suavidade quis mostrar que uns garrafões e umas garrafas arrumados a um canto podem ter vida e encanto quando bem pintados.

Outro quadro exposto é de João Reis, autêntico artista de raça que bem honra as tradições herdadas. Chama-se este quadro *P'r'ô-Mar* e foca flagrantemente uma das cenas mais castiças da vida piscatória de Buarcos. É um trabalho digno de Museu.

EM CIMA: — *P'r'ô-Mar!* —
quadro de João Reis

EM BAIXO: — *Natureza morta* —
quadro de Carlos Reis





O claustro de Santa Joana

Já visitaram Aveiro? Se não o fizeram ainda, aproveitem a primeira oportunidade, porque não fica bem a qualquer português ignorar os encantos desta formosa cidade. Acrescentaremos ainda que tudo poderá esquecer, menos a lembrança do que viu nesse delicioso rincão onde as próprias coisas humildes têm nobreza.

Cansada do esquecimento a que desde há muito vinha sendo votada, a cidade de Aveiro decidiu mostrar-se, para que todos a vissem bem. Se isto era natural e compreensível numa mulher bonita, porque não o há-de ser numa cidade?

Aveiro está no seu legítimo direito de patentear aos olhos de todos os portugueses todos os encantos que encerra.

Por isso, envergando as suas mais pomposas galas, Aveiro resolveu-se a abrir a preciosa arca das suas tradições e os escriptos das suas belezas ignoradas.

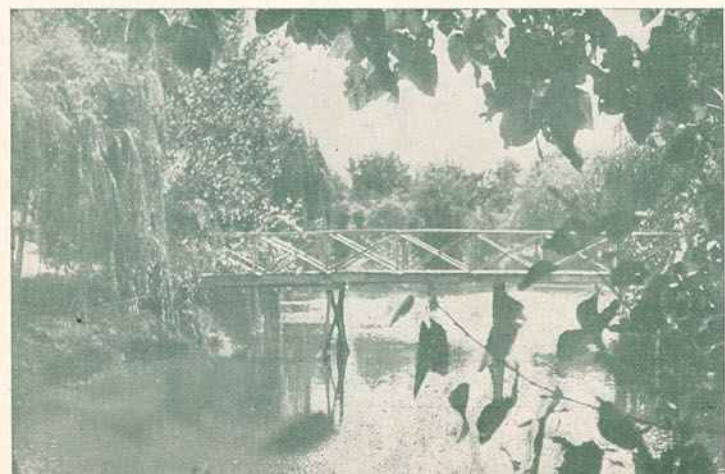
E daí a admiração de todo o País que, para mágoa sua, desconhecia o que de tão belo existia já, sem o saber.

Magnífica esta iniciativa! Os seus organizadores atingiram plenamente o seu fim.

Aveiro embandeirou em arco, atraindo ao seu seio milhares e milhares de forasteiros.

E, como seria de calcular, as festas da

pidos lobos do mar de rosto bronzeado pelo ar do mar e de alma nimbada pelo



Semana Santa em Aveiro decorreram com o maior brilhantismo. Foram três dias de encanto, a que a tradição regionalista deu o mais delicioso realce. Nas diversas procissões organizadas patentearam-se em tóda a sua grandeza as figuras típicas dos marnotes e da beira-mar, evocando, a par da fé, um passado glorioso que assombrou o Mundo inteiro. Foi d'êste formoso jardim da Europa, à beira-mar plantado, que saíram os primeiros grandes navegadores que sulcaram mares ignorados, e deram "mundos novos ao Mundo". É d'êste glorioso recanto ocidental que todos os dias partem para lides afitivas da pesca êsses intré-



A ermida de S. Sebastião — Em baixo: Formoso trecho do Parque de Aveiro

Oh! as lanchas dos poveiros
A saírem a barra, entre ondas e gaivotas!
Que estranho è!
Fincam o rémo na água, até que o rémo lórça,
Á espera da maré,
Que não tarda ai, avista-se lá fóra!
E quando a onda vem, fincando-o a toda a força,
Chamam todos à uma: Agora! agora! agora!
E, a pouco e pouco, as lanchas vão saindo
(As vezes, sabe Deus, para não mais entrar...)
Que vista admiravel! Que lindo! que lindo!
Içam a vela quando já têm mar:
Dá-lhes o vento a todas à porfia,
Lá vão soberbas, sob um ceu sem manchas,
Rosário de velas, que o vento desfia,
A rezar, a rezar a Ladainha das Lanchas:
Snr.ª Nagonia!
Olha, acold!
Que linda vai com seu erro de ortografia...
Quem me dera ir lá!
Senhora Da guarda!
(Ao leme vai o Mestre Zê da Leonor)

ENCANTOS

As maravilhas da apresentadas agora em tóda

bafo encorajante da sua fé, a fé dos seus avós gloriosos.

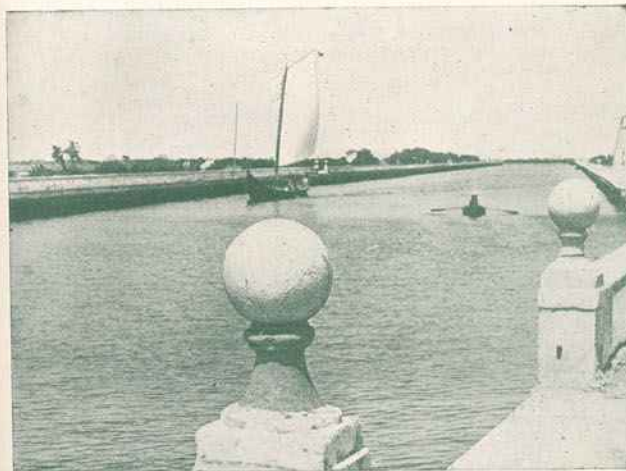
Como nos lembram os deliciosos versos de António Nobre:

Georges! anda ver meu país de Marinheiros,
O meu país das Naus, de esquadras e de frotas!

PORTUGUESES

Cidade de Aveiro a sua grandiosa imponência

Parece uma gaivota: aponta-lhe a espingarda
O caçador!
Senhora d'Ajuda!
Ora pro nobis!
Calluda!
Sêmos probes
Snr. dos ramos!



O canal que vai direito ao Vouga — Em baixo: O lago do Parque Municipal

Estrela do mar!
Cá bamos!
Parecem Nossa Senhora a andar.
Snr.ª da Luz!
Parece o farol...
Maim de Jesus!
Lá vai a derradeira!
Ainda agarra as que vão na dianteira...
Como ela corre! com que força o Vento a impete:
Bamos com Deus!
Lanchas, ide com Deus! ide e voltai com êle
Por êsse mar de Cristo...
Adeus! adeus! adeus!

Quando outros encantos não tivesse a
Semana Santa de Aveiro, bastar-lhe-ia o
atractivo sempre belo e sempre novo da
gente do mar.

E volta António Nobre na sua inesquecível descrição:

Georges! anda ver o meu país de romarias
E procissões!

Olhas essas mãças, olha essas ^(Marias!)
Caramba! dá-lhes beliscões!
Os corpos delas, vê, são ourivesarias,
Onla e luxúria dos Maneis!
Têm nas orelhas grossas arrecadas,
Nas mãos (com luvas) trinta moedas
em anéis,
Ao pescoço serpentes de cordões,
E sôbre o seio entre cruzes, como ^(espadas)
Atém dos seus, mais trinta corações!
Vá! Georges, faze-te Manel! viola ^{(ao peito,}
Toca a bailar!
Dá-lhes beijos, aperta-as contra o peito,
Que não de gostar!
Tira o chapéu, silêncio!

Passa a procissão,



A ria, atravessando a cidade

Honestos e morenos cavalheiros.
Altos, tão altos, esfeitados, os andores,
Parecem Torres de David, em amplidão!

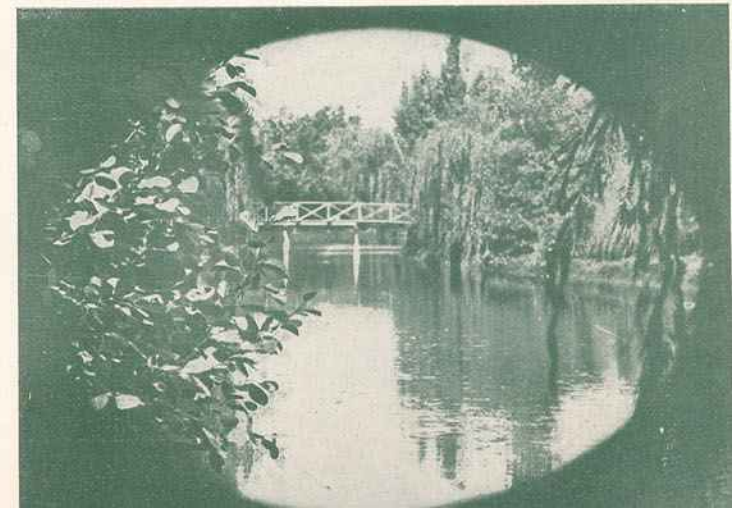
Como não havia a Semana Santa de
Aveiro de ser bela e encantadora?

Depois, o lindo espectáculo do "bota-abaixo", dum lugre bacalhoeiro que se vai às paragens da Terra Nova. Tem o nome de "Novos Mares", que marca bem uma gloriosa tradição, a Tradição da Raça. Os ranchos das tricanas de Aveiro deram alma e alegria ao desfile folclórico, como não pode calcular-se sem ver e ouvir.

O que aquilo foi! Há lá mais belo poema, mais harmoniosa sinfonia, mais melódico harpejo que os desferidos pelos lábios rubros daquelas viçosas moçoilas!

Dizem que Aveiro é a Veneza de Portugal, mas não nos fica bem fazer uma tal comparação. Aveiro tem o seu encanto próprio e não carece da beleza da formosa cidade do Adriático para melhor realçar. Vendo uma e vendo outra, tanto se poderia dizer que Aveiro era a Veneza Portuguesa, como Veneza o Aveiro italiano. Mas o melhor é não estabelecer comparações, visto cada uma destas cidades ter a sua beleza própria que não vede nada a ninguém.

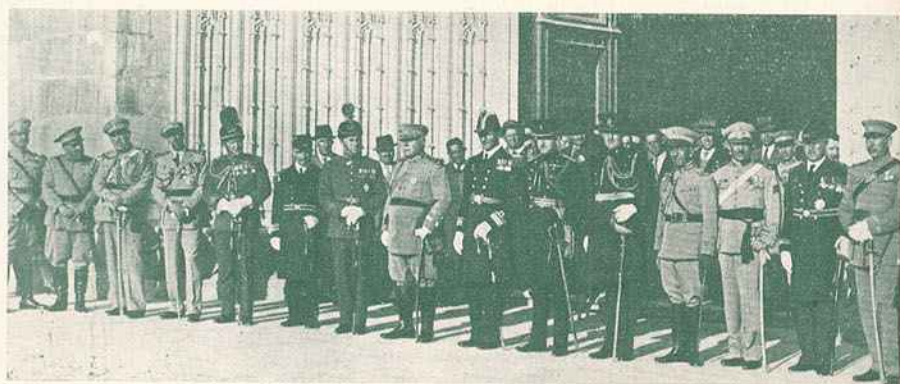
Estratejam foguetes e morteiros.
Lá vem o pálio e pegam no cordão



ECOS DA QUINZENA



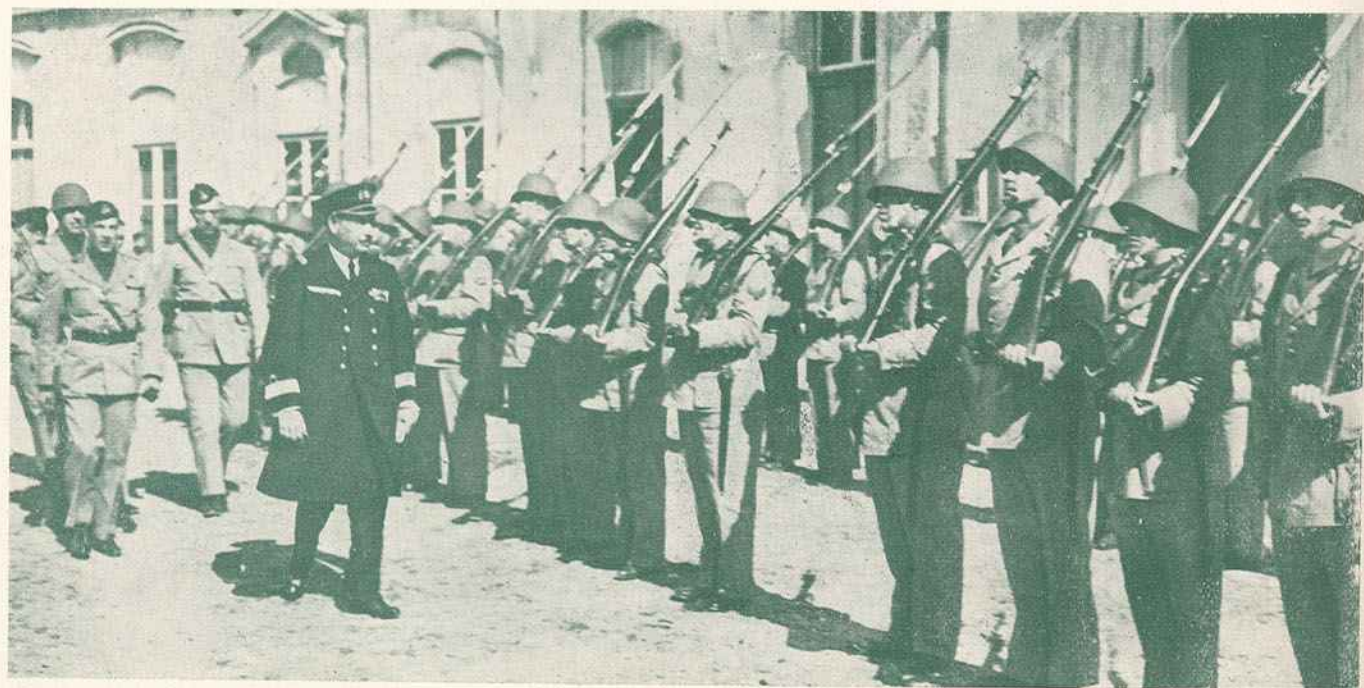
O Chefe do Estado abrindo a cova para a plantação da primeira árvore do Parque Florestal de Monsanto



As missões militares britânica e portuguesa à saída do mosteiro da Batalha, depois de terem colocado uma coroa de flores no túmulo do Soldado Desconhecido. Finda esta visita, as Missões seguiram na sua digressão para o norte do País



O sr. ministro da Bélgica com o presidente e membros da Comissão Central da Liga dos Combatentes da Grande Guerra após a oferta da bandeira belga a esta patriótica colectividade — À direita: O prof. dr. Paulo da Cunha com o sr. ministro da Itália e professores universitários por ocasião da conferência que realizou no Instituto de Cultura Italiana



O comandante Fortée Rebêlo passando revista aos legionários que lhe fizeram a guarda de honra na homenagem que lhe foi prestada pelo 1.º batalhão de Queluz. Na sessão solene falou o sr. capitão Sousa Brito que enalteceu o bravo comandante, tendo êste terminado por agradecer a homenagem que lhe prestavam e patençar o seu desejo de cumprir sempre a sua missão de legionário.

VULTOS DO ESTADO NOVO BRASILEIRO



Dr. Lourival Fontes, director do Departamento de Propaganda do Brasil, ex-director de Turismo do Distrito Federal, antigo jornalista e um grande amigo de Portugal, onde já esteve de visita e a cuja acção permanente se deve um maior estreitamento de relações entre os dois povos irmãos

Nesta gravura têm os leitores da "Ilustração" a última "pose" oficial do Presidente Getúlio Vargas. Foi tirada no "stúdio" Nicolas poucos dias antes do eminente chefe da Nação brasileira embarcar para o Rio Grande do Sul, onde acaba de lançar com o Presidente Agustín Justo, a pedra fundamental da ponte internacional sobre o rio Uruguay, ligando a cidade brasileira de Uruguayana à cidade argentina de Libres. Essa foto é, antes de tudo, um retrato psicológico. Aí vemos o credor do Estado Novo Brasileiro na sua expressão de cordura, inteligência e simplicidade, sem embargo dos acentuados traços de energia e comando que tanto vincam e caracterizam a sua personalidade política. Esta empolgou, aliás, toda a Nação Brasileira e a obra que, neste momento, sua ex.^a está realizando, não só encontra por si todos os seus patrícios, como está destinada a perpetuar-lhe o nome na História do Continente Novo como um dos mais esclarecidos génios da América, — o que a nós, portugueses, muito nos deve regosi-



jar, pois, são do grande estadista brasileiro aquelas palavras já hoje tornadas em legenda eterna na memória dos dois povos irmãos: — "Não se pode ser chefe da Nação brasileira, sem ser um grande amigo de Portugal"



Os aviadores italianos comandante Atilio Biseo, capitão Bruno Mussolini e major Paradizi com o dr. Lourival Fontes no Departamento de Propaganda do Brasil



A Ponte da Portagem

DA Portagem, avistam-se o Mondego, descendo entre choupos e salgueirais, as quintas e os cêrros próximos, cobertos de arvoredo, e, ao longe, fechando o horizonte, a mancha da serra da Louzã.

A paisagem é tódá de ondulação e suavidade. E a luz que a ilumina é tão cariciosa que, a certas horas, o rio palpa voluptuosamente, empalidece a verdura, os montes mesmo estremeçam.

A contemplação da beleza é uma embriaguês.

Tódá a energia se dilui em lirismo... — E se nos tornamos poetas?

É uma ideia pânica. Para restabelecer equilíbrio, para recuperar personalidade, para nos reencontrarmos, penetramos na Alameda, pequeno parque acampado sobre o alêrro da Insua dos Bentos, onde, sob plátanos e lílias, a simetria dos canteiros nos restitue a precisão dos sentidos, pela rigidez geométrica logo encerrados no domínio das grandezas limitadas, no bom senso dos números.

E já, sossegadamente, pode avaliar-se quanto renderia em milho aquela terra que só dá flores... e sombras.



O Mondego acima de Coimbra

Despoëtizados, topamos, no Largo, Joaquim António de Aguiar, sobre o seu singelo plinto, um pouco curvado, carregando com o odioso epíteto de *Mata-Frades*, que só caberia a D. Pedro IV, pois, de seu próprio punho, êle rascunhou o decreto que dissolveu as Congregações.

Seguimos pela Calçada (Rua Ferreira Borges) artéria moderna da cidade baixa, rasgada há setenta anos no casario vetusto, cortando a ábside da igreja de S. Tiago, construída no século XII.

Para a visitar, desce-se à Praça de S. Bartolomeu (Praça do Comércio). As fachadas românicas, ocidental e meridional, e, no interior, a capela do século XV, levam-nos a fixar um nome — o de António Augusto Gonçalves, o insigne mestre que restaurou o templo.

Da igreja de S. Bartolomeu, de uma só nave, edificada no século XVIII, não há a referir mais que o retábulo da capela-mór e os quadros de Pascoal Parente, um italiano que inundou da sua pintura ingénua Coimbra e arredores.

Pelos Arcos de Almedina entra-se no Bairro Alto, a antiga Coimbra, que tódá era cercada de muralhas. O Arco Grande tem nobreza. Nêle se abria uma das portas da fortificação. Af existiam o relógio e o sino de correr, que obrigava os habitantes a voltar aos seus lares, quando à noite langia.

Em 1870, o sino emudeceu; a velha usança há muito deixara de ser observada. Sobre o Arco ficava a Câmara, na torre da rolaçom, como se diz em do-

VIAGENS NA NOSSA TERRA

Coimbra—terra dos eternos encantos

Afinal, os bárbaros não eram tão bárbaros como para aí se disse

cumento de 1476. Nas dependências existentes funcionam a Escola Livre das Artes de Desenho, desde 1878, e a Universidade Livre.

Podíamos ir pela rua das Fangas (Fernandes Tomás) para a direita, até à Cou-raça de Lisboa, onde, sobre as muralhas, se levantava a torre pentagonal de Belcouce, edificada por D. Sancho I, perto de um arco triunfal da dominação romana, que veio a ser destruído no século XVIII, ao edificar-se o Colégio de Santo António da Estrêla. Está hoje af um palacete. Sempre será melhor que a fábrica de massas que profanou o local, e foi devorada por um incêndio vingador!

Mas a vista do rio é esplendorosa. Guardêmo-nos da tentação... Quando se vê o Mondego, que é obra de Deus, não temos mais emoção para as obras dos homens...

A meio das escadas de Quebra-Costas, à esquerda, uma viela: a poucos passos, o Palácio de Sub-Ripas, construído em 1514 por João Vaz, sobre parte de uma torre e muro da barbacã. Seria este Vaz parente de Camões — Luiz Vaz de Camões? Fôsse ou não fôsse, o autor dos *Lusiadas* viu a sua porta principal, de tão impressivo manuelino, as janelas do primeiro andar, e talvez os medalhões embebidos nas paredes, que lembram Cellini...

Além do arco, que liga os dois corpos do Palácio, fica a torre do Ameal, onde habitou António Nobre — e de Antó, por isso, se ficou chamando.

Contíguo, o Colégio Novo (antigo Colégio da Sapiência, Colégio de Santo Agostinho) edificação do século XVI. O claustro (datado de 1596) e os tetos da capela são bem dignos de vêr-se.

Mas, voltando pela rua dos Coutinhos, damos com a Sé Velha.

Tudo se apaga em redor. A mole românica destaca, sombriamente dominadora.

A fachada do poente, em que se abre a porta principal, rematada por uma série de arcos de volta inteira, apoiando-se sobre colunas ornamentadas, e a larga janela-varanda que a sobrepuja, impõem-se. Até a torre sineira, acrescento de século XIX, não nos escandalisa no soberbo lanço.

A Idade-Média! A fantasia divaga pelo remoto passado...

Entramos no templo, sem distinguir mais que a vastidão das três naves.

A sua divisão em cruz latina, o trifórium, o transepto, a cúpula magestosa, a capela-mór — nem os apercebemos. A

impressão de grandeza e de solidão, de religioso silêncio, como que nos oprime.

As sombras de D. Afonso Henriques, que tantas vezes aqui meditou, de D. Sancho I, que foi aqui coroado, de D. Sancho II, que aqui passou tão alanceantes horas, de D. João I, que aqui foi aclamado, do Infante D. Pedro, que aqui orou antes de partir para Alfarrobeira, do Infante D. Henrique, de D. Pedro I, de D. Sebastião, que se prostraram nestas lages, levantam-se da frialdade de cata-cumba. E tantos bispos — D. Miguel Salomão, D. Martinho, D. Tibúrcio, D. João Galvão, D. Jorge de Almeida, D. João Soares, D. Afonso de Castelo Branco, D. Manuel de Saldanha...

É preciso uma pausa de recolhimento, para procurarmos o lavôr artístico neste acervo de penedia, em que o ressoar do órgão deve ser abalador.

E as maravilhas de arte — o admirável retábulo gótico da capela-mór, a capela de S. Pedro, a capela do Sacramento, as capelas laterais, a pia baptismal, os azulejos — só pouco a pouco avultam.

Calcamos campas de grandes senhores; aproximámo-nos de sepulturas com estátuas jacentes. Delém-nos o túmulo de D. Vataça e as bizarras dos bispos do século XIII, primeiro lavôr da estatuária lapidar portuguesa. Depois a sacristia, a casa do capítulo e o claustro contemporâneo dos de Alcobaca e da Sé do Pôrto, de transição românica...

António Augusto Gonçalves, dirigiu a restauração da Sé Velha. E o bispo D. Manuel Correia de Bastos Pina, que tanto nela se empenhou, e a sr.^a D. Amélia de Orléans, que sempre a teve sob o seu patrocínio, devem ser lembradas também à gratidão de todos os portugueses.

Saimos pela *Porta Especiosa* — que, segundo Haupt, é «o trabalho mais primoroso e mais completo da primeira Renascença clássica», entre nós.

Para nascente fica ainda a Porta de Santa Clara, em que, no século XVI, ou fins do século XV, trabalharia o mesmo cinzel que lavrou na *Porta Especiosa* o pórtico propriamente dito. O problema da autoria não está resolvido; mas basta olhar, para não pormos dúvida que a *Porta Especiosa*, até ao seu coramento, se deve a dois artistas ou a dois processos artísticos, a duas modalidades de estilo.

Do outro lado, junto do cunhal, uma tódca arca de pedra encerra os restos do Conde Sisnando, que viveu no século XI, e se distinguiu tanto na conquista de Coimbra que Fernando Magno lhe confiou o seu govêrno.

O ábsidiolo, onde está a capela de

S. Pedro, e a parede circular da capela-mór, ligando-se à cúpula do transepto e a um trecho gótico de peitoril, oferecem um interessantíssimo conjunto arquitectural.

A todo o monumento um diádema de ameias imprime carácter de nobreza guerreira.

Edificado no tempo da Reconquista, como não daria rebate da época militar que o viu nascer?

A Sé Velha é um transunto da nossa grandeza histórica.

Mestre Roberto delinea a fachada principal, enquadrada na traça austera duma fortificação; João de Castilho, Nicolau Chanterenne e João de Ruão, adornariam o templo de tódá a floração da Renascença.

No século XII defende-se Deus; no século XVI celebra-se magnificamente o seu triunfo — a vitória da Cruz sobre o Crescente até aos longínquos mares orientais.

Subindo para a rua da Ilha, onde está instalada a Imprensa da Universidade, alcança-se todo o lanço sul, sobre o claustro, na sua nudez de fortaleza.

Se descêssemos até ao patamar do Quebra-Costas, teríamos à esquerda a rua Joaquim António de Aguiar. Nela se encontra um teatro, construído nos meados do século XIX, e já arruinado.

Para que tal teatro existisse, foi demolida a igreja de S. Cristóvão, do século XII. Tinha três naves, era guarnecida de ameias, a média 115 palmos de comprimento por 58 de largura e 60 de altura, com uma cripta, de planta semelhante à do templo, mas reduzida de metade em proporções.

Como foi possível com a Universidade, o maior centro de cultura de Portugal, a dois passos, cometer tal vandalismo?

Parece que a Sé Velha esteve também a ponto de ser arrasada, para estabelecer,



A doce paisagem que envolve Coimbra

perto do teatro... um circo de cavallinhos.

E gastamos nós retórica — contra a invasão dos bárbaros!

Tomando pela rua do Cabido, depara-se-nos a igreja de S. Salvador, do século XII. Cobertura de madeira, como teria a de S. Tiago.

Possue, da primitiva fábrica, arquivoltas, capiteis, cachôrrs — relíquias arquitectónicas. E o pórtico precioso, que se conserva na desfigurada fachada, é de 1169. No interior — de três naves, divididas por colunas cilíndricas — há duas capelas manuelinas: na de S. Marcos, notável altar da Renascença coimbrã. Numa das paredes, exteriormente, vê-se uma lápide com a cruz dos Templários, datada de 1224 (1186 da era cristã).

Passando o Arco do Bispo, à direita encontramos, no tópo do Largo da Feira, a Sé Nova, que assinala a primeira reacção da Renascença clássica na cidade. A fachada é fria. Mas «o que sobretudo prende é a relação íntima dos membros componentes, é a lucidez prodigiosa na integração das plantas e alçados», diz António Augusto Gonçalves.

A antiga igreja da Companhia de Jesus, que fazia parte do *Colégio das Onze Mil*



O Penedo da Solidade

Virgens, é duma só nave, coberta por uma abóbada de caixotões, com oito capelas laterais. Ao centro do transepto a cúpula ergue-se arrojadamente. Cada braço do transepto tem mais duas capelas. São de grande riqueza decorativa: a ampla capela-mór, com o trono de exposição do Sacramento, laminado em prata, a bellissima talha, o órgão e a pia baptismal (mandada fazer no século XVI por D. Jorge de Almeida, para a Sé Velha).

Grande parte do *Tesouro da Sé* entrou no Museu Machado de Castro, mas alfaias de grande valia estão ainda ao serviço cultural.

Para nordeste, ficam o Museu da História Natural e o Laboratório Químico — notáveis construções. Merecem demorada visita as dependências universitárias.

A poente, fica o Largo de S. João. Nele são contíguos o Paço do Bispo e a igreja de Almedina.

O Paço data do século XII, mas pouco restará da primitiva. Reedificado pelo bispo D. Afonso de Castelo Branco, que ombreia com D. Jorge de Almeida como protector de artes, «é hoje um dos raros tipos de moradia senhorial do século XVI. Apesar da moderna e insensata renovação do lanço norte, o conjunto e arranjo do palácio, visto do átrio, é de um efeito de cenário delicioso. A observação do admirador vai até aos detalhes dos elementos de arte sumptuária que ali se encontram e cada vez mais escasseiam. Aos cantos as escadas com os alpendres ponteados e portas luxuosas. A guarita do porteiro, com o relógio e a sineta do serviço, e, ao fundo, a esbelta arcada e a galeria, admiravelmente bem ponderada e harmónica, com os balaustrados de ferro, duma bela execução... Há exemplares de portas e tectos manuelinos, já agora raríssimos...»

A igreja de S. João de Almedina foi construída nos fins do século XVII, no local onde se erguera uma outra muito antiga.

Paço e igreja dão para um pequeno adro.

Em ambos os edifícios está instalado o Museu Machado de Castro.

Para aqueles que possam frequentar assiduamente as suas salas, o Museu será um verdadeiro Museu-Escola, pelo superior critério que presidiu à sua organização, pelo arranjo, sistematização, divisão e classificação do seu recheio.

Para quem venha de fugida, ficará a impressão — atravessando as suas salas, parando aqui e além, um instante prêso pela atracção de um objecto que mais chame, uma alfaias cultural, uma figura de presépio, uma peça de indumentária, um quadro, um exemplar de olaria, uma simples pedra tumular — de haver vivido uma hora diferente das outras horas, e, por menos cultura artística que tenha, essa será de exaltação involuntária do espírito, de esforço de compreender, compensado pelo espectáculo de beleza que acorda o raciocínio sem abalo. Será uma hora mais alta, inesquecível...

No rés-do-chão do Paço, objectos de pedra: documentos históricos, epigráficos e artísticos, que pertenceram, grande

parte, ao Museu Arqueológico do Instituto. Numa das salas, restos da antiga Conímbriga, descobertos por escavações.

A sala medieval é notável. E, dia a dia, mais se enriquece.

Quanto à da Renascença, diz Eugénio de Castro, que, «pela sua riqueza e variedade, constitue a mais sugestiva documentação para a história da brilhantíssima vida artística de Coimbra no século XVI».

Subimos a escada de acesso ao primeiro andar, e desde o vestíbulo, onde se vêem uma linda mesa de mármore, com embutidos, um busto de Bento XIV, bancos de couro almofadado do século XVIII, uma credência do século XVII e tapetes da Pérsia do século XVI, começa um desfile de preciosidades — esculturas em pedra, madeira, marfim, barro e metais, móveis antigos, entre êles cofres,



Velha torre da Universidade

baús tauxiados e uma arca indiana, tapetes da Pérsia e de Arraiolos, olaria, rara colecção de faianças, azulejos, instrumentos musicais, leques, grandes livros de côro, com as encadernações chapeadas a bronze dourado...

Nas salas 14, 15 e 16, as obras de pintura de maior mérito. Algumas há «que devem ser contempladas como irradiações brilhantes dessa expansão maravilhosa, que nos séculos XV e XXVI actuou em Portugal e atingiu culminâncias geniais»: três tábuas de Cristóvão de Figueiredo, um quadro atribuído a Gaspar Vaz, outros atribuídos a Quintin Matsís, um tríptico de Frei Carlos e ainda outros trabalhos, cujos autores se não conhecem.

Na sala 2 há um tecto mudejar do século XV. Passou para o anexo de S. João de Almedina quasi todo o Tesouro da Sé.

Destacam-se: do século XII — um cálice de prata dourada, de forma românica, lavrado por Geda Menendiz, e a crossa, ornada de cobre dourado, dum báculo, que se diz oferecido por S. Bernardo a S. Teotónio, prior do mosteiro de Santa Cruz; do século XIII — uma imagem de S. Nicolau, em prata; do século XIV — principalmente o espólio de objectos ar-

tísticos de Santa Isabel (um relicário de coral e prata, uma cruz de ágata e a Virgem com o Menino ao colo); do século XV — uma grandiosa cruz procissionial, de prata dourada, que pertenceu ao convento de Alcobaça, duas cruzes procissionais, de cristal de rocha; do século XVI — a sumptuosa custódia de D. Jorge de Almeida, uma caldeirinha de prata, com o brazão do mesmo prelado, cálices, gomil e bacia de prata dourada; do século XVII — a grande custódia e a cruz-relicário do bispo D. João Manuel, de prata dourada, ornadas de esmaltes; cofres, cruzes e relicários; do século XVIII — um jôgo de sacras em prata e lápis-lazuli...

Os paramentos e tapeçarias são muito abundantes, avultando a capa da abadessa de Lorvão, um pano flamengo e uma magnífica alcatifa da Pérsia.

Sobre o antigo Tesouro da Sé lê-se no *Roteiro Ilustrado*:

«A colecção foi constituída por objectos que pertencem ao Cabido e à Mitra, e outros provenientes de conventos de freiras, ultimamente suprimidos nesta diocese. E possui peças tais, que podem servir de pontos de projecção para demarcar no campo do passado a trajectória estética da ourivesaria em Portugal, desde o século XIII».

Joaquim de Vasconcelos, conhecedor dos museus capitulares mais ricos da Europa, afirma que o de Coimbra rivalizava com os mais opulentos. Por iniciativa de António Augusto Gonçalves — que tanto ajudou D. Manuel Correia de Bastos Pina a constituir essa colecção de «ourivesaria, brocados, bordados, tapetes, paramentos e alfaias de sumptuosidade incomparável» — uma estátua do Bispo benemérito será erigida em S. João de Almedina.

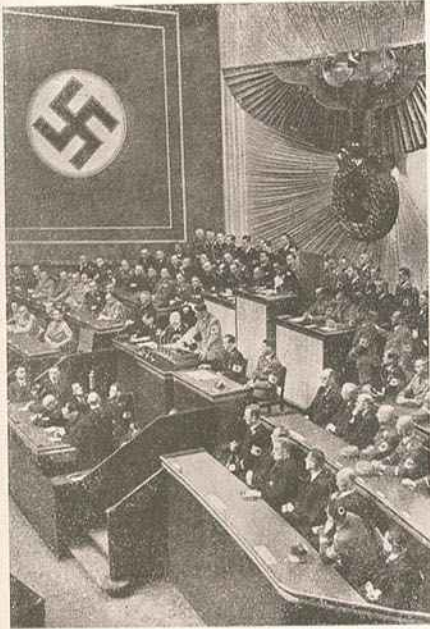
Fundando a Escola Livre das Artes de Desenho, colaborando na Exposição Distrital de 1884, dirigindo a Escola Brotero, propulsiando o renascimento das indústrias do ferro, da madeira e da pedra, guiando gerações de obreiros votados ao culto da beleza, restaurando a Sé Velha, Santa Maria de Celas, Santa Cruz e S. Tiago, suscitando, primeiro, a formação do Museu Municipal, depois reconstituindo e desenvolvendo o Museu do Instituto, e, enfim, fundando o Museu Machado de Castro — realizou António Augusto Gonçalves, em mais de meio século de mestria e apostolado, uma obra de tanta magnitude, que não encontra similar em toda a história do nosso labor artístico. Pelo seu talento e pela sua cultura, foi um criador; mas não se limitou à afirmação da sua capacidade estética de realização original, e, salvando ou rejuvenescendo os monumentos do passado, confundiu a sua vida com a dos grandes criadores românicos, góticos e da Renascença.

O pintor Carlos Reis, sentindo-o, diz que, em prémio dos seus méritos e serviços, «a este homem superior se devia oferecer... Coimbra». E — «que lhe perdoe a pequenez do alvitre»...

Coimbra, Páscoa de 1938.

LOPES D'OLIVEIRA

APÓS O ANSCHLUSS



Um aspecto da sessão histórica do Reichstag em 18 de Março último



A multidão na Heldenplatz de Viena ouvindo o discurso de Hitler



Hitler saudando em Heldenplatz de Viena a multidão que o escuta



A multidão aclamando o novo chanceler da Confederação, Seiss-Inquart



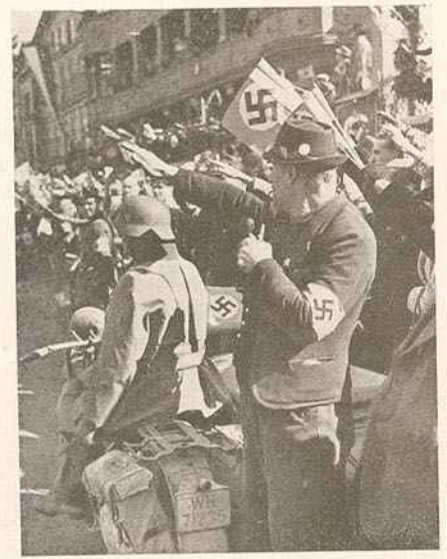
As mulheres austríacas confraternizando com os soldados alemães



O chefe do distrito Burckel, à esquerda, com o chanceler Seiss-Inquart



A multidão berlinense aguardando o regresso de Hitler



A entrada solene das tropas alemãs na capital da Austria



Detalhe do relevo do teto da capela tumular de D. Jaime de Portugal, por Luca della Robbia

É lastimoso que a falta de espaço nas revistas, quasi inacreditada pelo público, me tivesse forçado, quando contava da visita que fiz ao templo de S. Miniato, nas bordas de Florença, a não publicar as quatro fotografias que hoje acompanham estas linhas, de tão longe trazidas para as mostrar ao mesmo público desconfiado. Porque todas são belas e de obras-primas, não vacilo perante os perigos de ser tomado por maçador ou recalcitrante, habituado já a muitas outras injustas e más fomas, que a pesar-de tudo me conservam ainda direito de espinha, com folha corrida e pronto para novas corridas.

A *Anunciação*, de Baldovinetti, um pouco estragada pelo tempo e considerada por todos os críticos uma maravilha de Arte, tem neste momento, para mim, um encanto novo que as circunstâncias explicam: a imagem de Nossa Senhora é a do público que me absolve bondosamente; e a outra, a do Anjo, de joelhos como eu quando entrei na capela de D. Jaime, passa a ser a minha, a fora as asas e o resplendor, que humildemente supplica perdão por tantas heresias e insistências. Lá no alto, chapada no teto, a par de mais quatro medalhões de Della Robbia, a figura da *Fortaleza* representada por tão frágil personagem, tem o ar de quem me daria dois bons açoites, se em tão prostrada posição me não visse e eu não fôsse da terra do seu escudo, que logo calhou ser a mesma do Cardeal-Infante que lá dorme em paz e me protege.

Este já foi mal descrito aqui. A minha admiração por António Rossellino e a minha inveja pelo filho de D. Pedro, trazem-me em penitência a mostrá-lo de novo, aqui, tal e qual, inteiro e sem palavras, para que pela sua imponência im-

pressionante sejam apagadas do coração de quem me leu, todas as severas razões com que, por infortúnio meu, me quizessem punir. *Mea culpa...* mas o Director desta "Ilustração", também tem rasca na assadura, por ter exigido das minhas debilidades literárias as pedradas responsabilidades de duas colunas, para segurarem as páginas onde as fotografias se equilibrassem. A basílica de S. Miniato al Monte e as encantadoras obras de Arte da capela sepulcral que me apaixonou, merecem da minha insignificância, todos os sacrifícios, desde os joelhos esfolados até ao desprêso dos meus confratêrneos. Logo, por bem contente me darei nas penas, se para resgate da minha alma, ao voltar ali àqueles lugares sagrados que da Piazzale Michelangiolo dão caminho às colinas de Fiésole, em breve me tor-

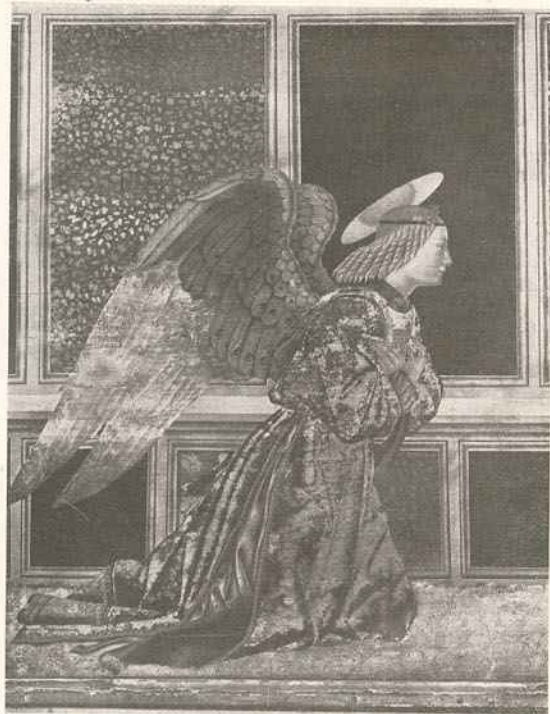


Imagem do Anjo da Anunciação, por Baldovinetti

nar a ver de rastos, como qualquer vulgar pecador em contrição, que da terra suporta todas as agruras em troca dumha hora de amor e de devota bemaventurança de poesia.

A Arte, como a mocidade, justificam

A VIDA DAS PEDRAS MORTAS AINDA O MAUSOLEU DE D. JAIME DE PORTUGAL em S. Miniato al Monte

certos caprichos dos homens. Por uma e por outra, os temperamentos exaltados de sensações ricas, isto é, de beleza e de alegria, são capazes de irem para a morte, felizes, a cantarem um hino ao Amor. É por este, apesar de tudo, que as religiões se criam, desenvolvem e sublimam. A Arte e a Fé são paixões de igual valia. E como a vida é curta para tão bem querer, o homem procura demorá-la e enchê-la de consolos, cantando a mocidade dos sentimentos, ora em espirituais

PEDRAS MORTAS

A VIDA DAS PEDRAS MORTAS

as paragens florentinas

assim cantava Lourenço de Médicis — o Magnífico —, quando ainda moço e com medo do tempo que impede muita gente de viver antes de morrer. Não são raras as vítimas desta infortunada cegueira, que escravizadas aos preconceitos duma moral sem encantos mais humanos do que os do materialismo, na hora final da sua existência amorfa, reclamam a luz que o seu entendimento sempre lhes escondeu.

O povo português, dado a paradoxos

Mundo fora, que chegam á idade das aposentações neste estado ilógico, é muito maior do que a das tais crianças onde a alma não chegou a instalar-se.

É o medo desta lástima sentimental que leva também muitos foliões a saltarem as pocinhas do lodaçal social, muitos artistas a jazz-banditarem-se em disparates sem sombra de vida ou de sensibilidade, e a mim me leva ao descontentamento de tudo quanto produzo, fazendo-me sangrias periodicamente, não vá o sangue coagular, o meu sentir ficar falso, estatuar-me numa categoria de múmia e viver morto como a maior parte dos nobres que tiveram muitos heróis na família. Já a minha mania de procurar os sepulcros de Arte é um disfarce íntimo para me comparar às pedras mortas ou delas extrair uma lição para aventuras. No geral as minhas



Imagem da Virgem da Anunciação, por Baldovinetti, em S. Miniato

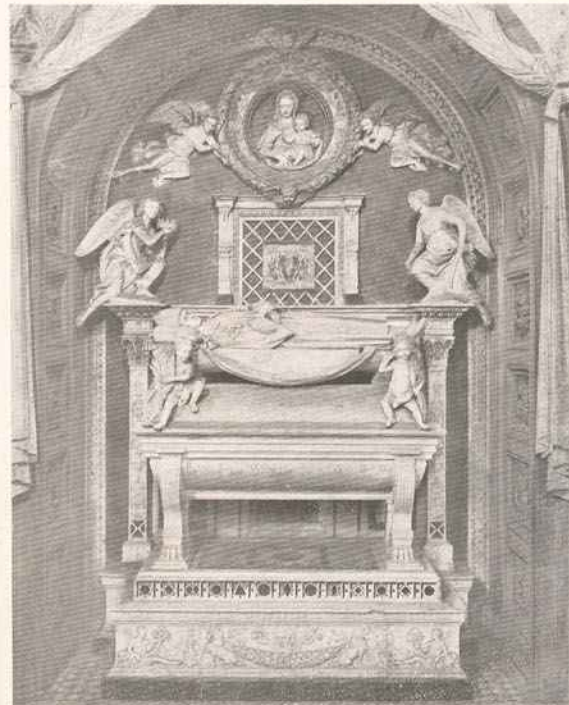
das frias pedras de Arte, vi-as animarem-se a pouco e pouco, conforme as ia compreendendo, erguerem-se as jacentes e mexerem-se as restantes imagens, ao ponto de se reconstituírem com vida muito superior á minha, amesquinhandome, destruindo-me, vencendo-me, de forma que pelo espanto e pelas comparações com o meu tempo, não hesito em afirmar que tudo anda trocado, sendo nós os verdadeiros cadáveres e aquelas pedras quedarem eternamente vivas. Napoleão, ao ir ali visitar um parente abade, também se admirou de "lanta beleza viva para esconder um morto."

Isto vem mostrar que o famoso côrso nem só em assuntos de guerra sabia ter a necessária clarividência.

Estas sensações de maníaco, estas certezas de desiludido ou de ultra-iludido, não existem, felizmente, no coração de muitos poetas que na luz dos olhos duma moça casadoira, vivem o céu para explorarem a terra. O sonho é infinito e os enganos variam. Para gôso do animal, os instintos divergem; há os devoradores, há os contemplativos... E ainda bem, porque se assim não fôsse, nem eu teria ganas de voltar a terras alheias para ser só o que sou — um pacífico cidadão —, nem os pacientes que me leram até aqui, admirariam as estampas retardatárias do túmulo de S. Miniato e não me enviariam ao diabo como mostra sem valor dos monstros que povoam a terra, não vá eu sobre o motivo mais lhes fatigar ainda a paciência!

Seja feita a vontade de todos e que o Sol não nos desampare até ao fim!...

D. DE M.



Sepultura completa do Cardinal de Portugal, por Antonio Rossellino

de toda a espécie, como aos milagres da sorte, tem um modo pitoresco de dizer certas verdades, como por exemplo a de explicar os fetos que a sua ternura não sabe aclarar: — "nasceu morta, coitadinha! Ora a quantidade de velhos pelo

vibrações sossegam-me a bem, nas minhas dúvidas; ai, mas quantas vezes sinto desejos de troca!... Em S. Miniato, como em Alcobaca, por exemplo, a pesar-dos tormentosos efeitos de sensibilidade em que sempre estrebuchou na contemplação

— "Quant' è bella giovanezza che si fugge tutavia.
Chi vuol esser lieto, sia;
di doman non c'è certezza."



Observatório nacionalista na Cidade Universitária

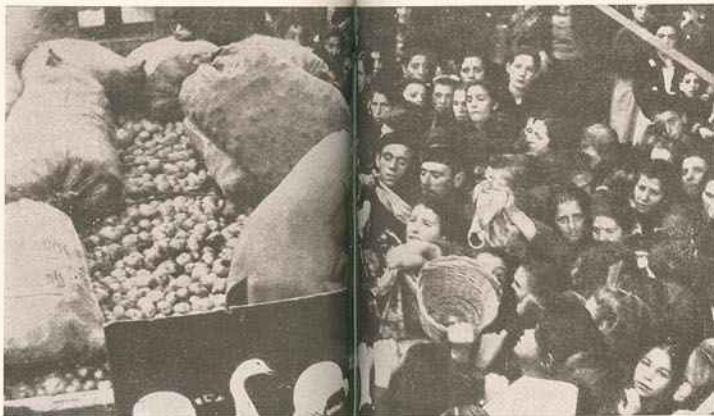
que na povoação de Fabian foram recebidos mais de quinhentos refugiados, na sua maioria, mulheres, crianças e velhos, que encontraram ali o mais carinhoso acolhimento. Não deixa de ser consolador observar que por entre os horrores de uma guerra encarniçada, surgem, por vezes, destes exemplos de humanidade.

É sintomática a retirada dos intelectuais catalães para a França. Segundo as últimas informações, o deputado e literato catalão Pedro Corominas, chegou a Paris, tendo-se instalado em Maisons Laffitte. Diz-se que safu de Barcelona a instâncias do governo catalão, visto ser assim mais conveniente. Afirma-se ainda que, além d'este, outras personalidades notórias receberam icêntico convite, entre os quais o eminente violoncelista Pablo Casals que fixou residência em Pradés, perto da fronteira, e o grande biólogo Augusto Pi y Suñer, que fixou residência em Toulouse.

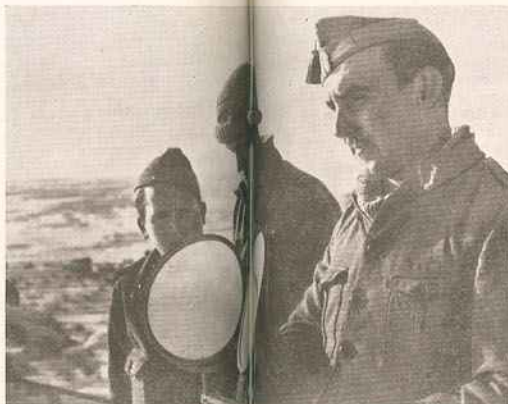
Estará o governo catalão, seguindo o exemplo de Noé, isto é, guardando na arca um exemplar da sua fauna mais preciosa, visto adivinhar os efeitos do dilúvio que vai desencadear-se?

Chegou até nós também a notícia de que na manhã de 9, diversas esquadrilhas de aviões governamentais voaram sobre Barcelona, a-fim-de alentar a população. Tratava-se, nada mais, nada menos, de bimoteres, trimoteres de bombardeamento e aviões de caça que evoluíam por cima da cidade, lançando manifestos em que se afirmava a vontade de resistência do povo republicano.

ASPECTOS DA GUERRA EM ESPANHA



Distribuição de víveres pela Frente Nacionalista



Serviços de transporte na Frente de Aragão



Uma trincheira nas proximidades de Alcañiz

cano. Segundo a informação recebida, esta manifestação produziu grande efeito na multidão reunida nas "ramblas", a qual deflagrou o seu entusiasmo com vivas e aplausos.

O mais interessante de tudo isto é a explicação que muita gente deu à proveniência de todo este material aéreo, acabado de fabricar e posto à disposição dos catalães.

É certo que se diz para aí aos quatro ventos que todos estes aparelhos foram fabricados na Catalunha e saídos, na véspera, das respectivas oficinas. Mas se não há energia eléctrica, como se teriam arranjado para conseguir tais prodígios?

Ora, o que se garante a cada passo é que ali andou herança do sr. Blum outorgada no momento extremo. E daí talvez não seja, embora a imprensa direitista francesa tivesse dado alarme acerca duns trimoteres mandados apontar a tóda a pressa pelo sr. Blum, sem se saber ao certo qual o seu verdadeiro destino.

Portanto, para muita gente, todos aqueles aviões devem ser legado do testamento político do sr. Blum. Será assim? Eis o que não podemos averiguar ao certo neste momento.

Mas, se assim lôr, não será esse auxílio que fará mudar a face às coisas. As tropas nacionalistas avançam triunfantemente, não levando muito tempo a que atinjam inteiramente os seus objectivos. E estes — quer queiram, quer não — resumem-se na vitória final. As provas estão à vista.

Os generais Solchaga, Moscardó, Yague, Valino e Aranda operam tenazmente sobre a Catalunha que nada mais tem a fazer que entregar-se para aprovei-



Um canhão anti-aéreo nacionalista na frente de Madrid



Belchite à vista



Prisioneiros governamentais na Frente Norte



TALVEZ as damas, que tanto se preocupam com a última moda, e procuram o mais belo modelo para o chapéu da nova estação, não tivessem ainda pensado nas constantes e inúmeras modificações que o chapéu feminino sofreu num século apenas — no século XIX, por exemplo.

Ora reparem com um bocadinho de paciência:

Em Lisboa, as *français* ou *sécias* usavam cabeleira e chapéu de tão desmarcado tamanho que davam o aspecto de *lectos de cabana* no dizer chistosos de José Daniel Rodrigues da Costa.

E então os penteados? Estes consistiam em verdadeiras torres assim definidas pelas sátiras do tempo:

*Começa a pôr-lhe em cima a bateria,
Brilhante vidro, falsa pedraria,
Fôfo volante em nova arquitetura,
Chorões de côr azul, vermelha e escura,
Escossias, plumas, rendas e enfiem, por belo,
Muda a cabeça em loja de capelo;
E armada então a esplêndida marmota,
Por penteado tem uma gaiivota.*

Em França, a famosa Tallien arbitrava a moda suprema, o mesmo acontecendo em Inglaterra com Georgina Gordon, amante do duque de Bedford.

E era tal o deslumbramento, que o maestro Auber afirmava que, quando estas damas entravam num salão, "faziam o dia e a noite — o dia para elas, e a noite para os outros.

Quando Bonaparte chegou, o caso mudou de figura.

Ao dealbar do século XIX, o chapéu de palha à inglesa tornou-se a grande moda das senhoras lisboetas que passeavam nas noites calmas no Cais da Pedra ou nas alegres burricadas de Benfica.

Tinha passado já a moda dos chapéus *caleche* e *cabriolet* que as elegantes podiam puxar à vontade, mediante uma guita, a fim de opôr uma vedação à curiosidade mórbida dos indiscretos. Fazia-se isto, sabe Deus com quanto sacrifício, visto as damas de ontem, de hoje e de todos os tempos, gostarem sempre de ser admiradas.

Estes exóticos chapéus tiveram por sucedâneos os tais chapéus de palha que, por sua vez, se defrontaram com um rival temível — o turbulento engalanado por um feixe de plumas. Nos bailes da corte de Londres, os homens apresentavam-se de penteados à *Bruto* — e nisso deviam

ter razão — enquanto as senhoras ostentavam penteados à *grega* e à *Tito* que consistiam em frisados curtos com ornamentações de plumas.

Em 1801 realizou-se um baile em Buckingham-Palace, a que assistiu a condessa de Pombeiro, esposa do ministro português, cuja *toilette* provocou sensação: vestido de setim branco ornado de folhagens doiradas, tendo do lado direito um filete de diamantes com bolotas de ouro, pendentés, e as mangas e o peitoral de crepe de ouro, um manto de veludo papoila bordado, e bandó e cinto de diamantes. Rodados dois anos, os enigmas andavam tanto na berra que a moda francesa ideou uns chapéus que tapavam a cara e se intitulavam chapéus *enigma*.

Em 1805, o uso dos chapéus de palha à inglesa continuava a vigorar em Lisboa, onde o jugo da moda apertava com tanta violência que um poetrastro criticou desta sorte uma tal tirania:

*Por moda se há de falar,
A moda se há de comer,
Por moda se há de trajar,
A moda se há de viver.*

Quando se deu a primeira invasão francesa, as modas lisboetas apresentavam tais decotes que muito se assemelhavam aos usados em Paris, onde as



CAPRICHOS

Metamorfoses do Chapéu feminino durante o precioso século XIX que ainda conhecemos

damas davam a impressão de terem saído do banho, deixando transparecer as lórmãs nem sempre esbeltas através dos vestidos *diáfanos*.

O chapéu de veludo à *Agripina* constituiu a moda das modas para essas belezas suaves que expunham as suas elegâncias ao sorriso lisboeta de 1808. Mas nas festas do mundanismo e nos poucos bailes à *epoca*, que Junot ofereceu, as plumas tremiam nas cabeças das lisboetas como as luxuosíssimas plumas brancas no capacete de Murat. Em França, na Restauração, as *toilettes* tinham a brancura do cândido *peplum* das Panatêas, e os chales vinham lançar uma penumbra encantadora sobre as fresquidões dos vestidos de Leroy e de Despauz, enquanto Chardin e Dulac deterioravam a cutis da belas com o branco de pérola, o óxido de bismuto e o carbonato de chumbo.

Depois de 1815, a moda aliou-se muitas vezes, à política, à literatura e ao teatro. Os dois grandes êxitos do tempo foram os chapéus Bolívar e Morillo, que se usaram, quasi inalteráveis, de 1818 até 1824.

O primeiro era um chapéu alto com as abas direitas e extraordinariamente largas, e com bridas à cara, e o segundo distinguia-se por umas gigantescas abas, que circundavam o rosto, de maneira que este aparecia como um marfim florentino no interior de um grande funil. O chapéu Morillo resistiu, com várias alterações até 1834, em que o topamos crismado com o nome de *Bibi*. Em 1818, havia uns chapéus de veludo negro com guarnições de pérolas de aço, e o penteado era um edifício complicadíssimo, que exigia nada menos de sete pentes. As alfacinhas vintistas sentiram que o amor à liberdade ascendia nelas com o ímpeto da seiva no coração magnânimo dos robles e collocaram os chapelinhos azuis e brancos, ou à constituição



DA MODA

Chapéu feminino XIX que ainda conhecemos

sobre o azeviche tépido e luzidio dos seus cabelos. Dois anos depois, em 1822, usavam os chapéus de setim à *fichu* guarnecidos de plumas, e os chapéus à *la Berton*, assim como nos bailes da Assembleia Portuguesa se viam brilhar, à luz das velas, os enfeites de plumas à *Independente* ou à *Tupinamba* e os tocados à *turca*.

Nessa altura, o jornal de modas *O Toucador*, condenou as toucas à francesa que envelheciam as damas. O poeta Mendes Leal, encontrando-se num piquenique nas Caldas da Rainha, improvisou os seguintes versos com o mote que lhe deram:

A touca da minha avó

*Não é só no toucador
Que pôde tocar-se a gente,
Toucas há, que de repente,
Qualquer em si pôde pôr,
As toucas são de rigor,
Ainda que seja uma só:
Todos, porém, tenham dó,
Que eu não sei — oh, pérola rara! —
Em qual das cabeças pôra
A touca da minha avó*

Aos chapéus Bolívar e Morillo sucedeu o chapéu Bergami, que foi em seguida destronado pelo chapéu à *amazona*.

Depois vieram os chapéus marcados com os nomes de heroínas de novela ou de ópera, ou assinalando qualquer acontecimento notável. Assim se explicam os chapéus à *Soldado*, à *Renegado*, à *Elodia*, e à *Ouirika*, título de um romance que fez furor em 1824.

Depois, uma infinidade de modelos orientais. O ano de 1830 trouxe os casacos à *Grandison* e restaurou os chapéus à *Palmeira*. 1734 trouxe os chapéus à *Bibi*, que o Chiado conheceu em tôdas as cabeças lórcas: dêde a da duquesa de Terceira até à da Eugénia de Magalhães — a Margarida Gautier da nova Lisboa constitucional. No entanto, a Herbault e a Alexandrine — as Cassandras da Moda — pro-



curavam adivinhar os segrêdos da deusa e delatá-los às modistas lisboetas: a Levaillant, a Boto, a Doraison, a Gérard e a Burnay — fundadora da dinastia Burnay. A implantação do Constitucionalismo não representou simplesmente uma transformação do regime político, representou também uma transformação do nosso modo de ser social. A classe média entrou na camada dirigente, a imprensa, que era um punhal, tornou-se uma espada.

No ano de 1838 entraram novamente em moda os chapelinhos à *Gabriela*, que pediam os vestidos de veludo branco com enfeites de setim.

Os figurinos de 1839 trouxeram os chapéus de palha de Itália com fitas carmezim e verde-gaio, que se usavam com chales de setim côr de groselha e preto, e com cabeções e punhos de cassa bordada e guarnecida de rendas de Inglaterra, botinhas de duraque, imitando holandesa cría, e umbrela de seda ondeada côr de pérola. Vieram mais tarde os chapéus de palha de Mônaco, os chales de setim turco à *Rainha* e os penteados à *Varsoviiana*, que consistiam nos cabelos apartados ao meio e inclinados para trás, os chapéus de veludo rôxo com flores, as capas de flanela estampada côr de cinza e forradas de seda verde, e as luvas côr de pão torrado. Em 1840, arvoraram-se os chapéus de crepe branco com enfeites de alecrim do Norte, os de cordãozinho côr de canário e os de setim azul claro com plumas iguais; mas, no inverno, usam-se os chapéus de veludo verde-salsa com duas borlas de ouro ao lado direito e as capas cachemira branca, forrada de setim carmezim. Em 1841, há os chapéus de rendas de Inglaterra e os penteados em triângulo, com ornatos de rosas de Alexandria. No ano seguinte, estilizam-se os chapéus de escumilha côr de cana, e as romeiras à *cardial*.

E em 1843, aparece a moda dos chapéus *Penélope*, *Condessa*, *Isabel de Baviera* e *Duquesa*, este último emplumado de marabúis, e que foi expressamente criado para a duquesa de Nemours. As senhoras que se entregavam às alegrias do hipismo traziam amazonas de cachemiriana com botões de ouro. Até 1851 seguem-se sucessivamente os chapéus de pelúcia com marabús trementes como as asas do Amor, os de veludo baunilha com uma pena de angotã, os *Clarisse Harlowe* e tantos outros.

As modistas de Lisboa, mais aglutinadas às francezas, republicaram as formas de todos os chapéus que citámos, chapeus que figuraram nos camarotes de S. Carlos e da Rua dos Condes, e nas estações de verão em Sintra, Benfica, Lumiar, Campolide e Santa Apolónia, os

sítios prediletos da melhor roda daqueles tempos.

Depois de 1836, principiára a notar-se a tendência dos vestidos para o exagero em forma de sino. "Para onde caminhamos nós?" preguntavam a Madame de Staël em 1799, pergunta a que a escritora respondeu: — "Para a anseira!". Outro tanto se podia dizer em 1855, no tocante a modas. Então, penetrou nos usos a *crinoline*, posta em moda pela imperatriz Eugénia e seus satélites.

Em Lisboa, a primeira senhora que se apresentou com a *crinoline* no Passeio Público, foi a Seisal, esposa do Esteves Costa, conhecido pelo *Petit-Janota* e sobrinho do visconde das Picôas. Mas o que foi fazer a pobre senhora! Foi tal a assuada que a anojada dama teve de refugiar-se numa carruagem que logo partiu nas horas de estalar. Estava lançada a moda. Um mês depois já tôdas as senhoras usavam à sua vontade as *crinolines* que entendessem.

Depois, depois, os chapéus foram-se modificando ora simulando grandes rodas de carro, ora grandes cabazes de hortaliça, ora ostentando enormes pássaros, até chegarem ao que são hoje, embora por pouco tempo.

O que virá depois disto?

Eis o que não é fácil de calcular, tão caprichosa e inconstante é a Moda — a mais adorada tirana que delicia as senhoras e até os homens com o rigor despótico dos seus decretos. Poderão dizer-nos que estes decretos são efêmeros, mas essa pouca duração em nada alivia os vassallos atingidos, antes os sobrecarrega mais ainda. Sim, porque a este chapéu que custou, como se costuma dizer, os olhos da cara, sucede-se outro chapéu mais caro ainda, e assim sucessivamente.

Dirão que é lindo — e nisso estamos de acôrdo — restando, portanto, pagar o custo de tão belas coisas como seria de calcular.

Os legisladores da Moda não se preocupam com as possibilidades de cada um. Decretam — e quem não tiver dinheiro para andar à Moda, que o arranje, não importando os sacrifícios a fazer.

E o mais interessante é que o dinheiro aparece sempre — e as mulheres são cada vez mais lindas!

Adorando a liberdade, as damas sentem-se bem como cativas eternas da Moda.

HONREMOS Jesus, com a prática das virtudes que Ele prégou. De todos os conselhos e exortações que Jesus nunca se cansou de prestar à humanidade sobressaía luminosamente o uso generoso da bondade e da caridade, irmãs siamesas do Bem que ninguém consegue separar.

Nunca, nos corações, nasce uma sem a outra.

Quem não sabe apaziguar uma dor de alma, com uma palavra carinhosa, também não sabe dar uma esmola que faça calar um estômago faminto.

Ser bom, é ser caridoso.

Estas virtudes devem existir permanentes em nós, não devemos perder o mais pequeno ensejo que se nos apresenta, embora de fugida, para dar largas a esta expressão dos nossos sentimentos de piedade com os infelizes, ainda que infelizes sejamos nós próprios, porque, olhando bem em volta de nós, vemos sempre desgraças maiores do que a nossa, e dos fracos proventos de que dispomos acharemos sempre meio de poder distrair uma parte, para fins caritativos.

Mais faz quem quer do que quem pode.

Quem pode, sem sacrifício, aliviar muita miséria não o faz. E muitas vezes não é apenas por dureza de alma ou por egoísmo que não dão um pouco de pão para matar a fome a alguém ou uma manta para agasalhar uma criança ou um velho que treme de frio, no seu catre nua.

É por comodidade, para não irem buscar nos armários fatos velhos que ali estão há muito inúteis, e que podiam cobrir tanto corpo friorento; e o pobre vai esperando, miseravelmente envolto em farrapos, que chegue a hora em que o rico se decida a dar-lhe o fato que já não lhe serve de nada.

É para não se desabotoar o casaco confortável, que não se dá a moeda que iria consolar uma boquita descorada que passa sem comer muitos dias.

Evitar-se-iam tantas dores, tantas desgraças, com um pouco de boa vontade, sacudindo a preguiça dos felizes...

Por mais que o ditado popular nos grite ao ouvidos que não devemos deixar para amanhã o que pudermos fazer hoje, nós não emendamos desse erro, que mais do que a outro qualquer povo afflige a terra portuguesa.

E já vem de longe essa preguiça. Numa revista do saudoso homem de teatro Souza Bastos, havia até uma personagem que era um homem bem-português que deixava tudo para amanhã. Vejam lá como o caso é notório.

E, mais do que qualquer outro acto urgente da vossa vida, a caridade não deve adiar-se.

Façamos hoje, agora mesmo, o que se nos afigura de molde a satisfazer a nossa

consciência, como nega o cumprir o nosso dever de solidariedade com os nossos semelhantes em mal de desventura.

Que diacho! Não queiramos ser inferiores aos irracionais, onde temos exemplos de que os fortes auxiliam os mais

fracos, como as fôcas se — quizermos citar alguns.

Costuma chamar-se fôca a um sujeito aváro — o que é injusto, visto que elas se dispensam mutuamente protecção, moeda de mais valor do que os sujos cobres de que a humanidade se serve para assoalhar a sua filantropia nos jornais.

Estamos nos dias próprios a deixar falar bem alto e livremente o coração.

Páscoa! Quadra bendita, que marca com uma pedra branca a evolução da religião cristã, que devemos enraizar fortemente em nossas almas, único refugio nas horas de incerteza e desânimo que bastas vezes são em nossa vida.

Nas montras luxuosas, como nas lojeças humildes, amontoam-se as amendoas, guloseimas caras a que a gente pobre não pode chegar.

E não há direito a impor aos desprotegidos da fortuna que se contentem com o pão sêco ou apenas adoçado com a lembrança das coisas boas que os olhos vêem e a bôca não pode provar.

Especialmente, é uma barbaridade que haja distinção entre as crianças, tôdas as mesmas esperanças do futuro de qualquer nação.

Há muitos anos que eu compro amendoas e as vou distribuindo, pela rua, às

crianças a-quém os pais não podem comprar ou que já nem pais têm.

Creio que há-de haver mais alguém que faça isto como eu.

Mas é preciso que tôda a gente, mesmo cerceando o quinhão dos seus filhos ou o seu próprio quinhão, compre as amendoas e as reparta com aquelas crianças que vão ao colo das pobres mães endoloridas por não poderem satisfazer os desejos daqueles que dizem o que a bôca ainda não

sabe pedir; ao garoto que esmurra o nariz contra o vidro que fecha, o que para ele seria um tesouro na sua mão; ao ardina miudinho que com voz ainda mal formada apregôa a gazeta do dia; aos velhinhos que embora já sem dentes ainda lhes sabe bem chupar um torrão de açúcar; a todos os desventurados, em suma, para quem a realização dum desejo é um desejo sem fim.

Quando Cristo entrou em Jerusalem, tapetaram-lhe o caminho com palmas verdejantes.

Que as palmas sejam agora estendidas pela caridade, e que no ar paire uma revoada de amendoas que abafe o alarido pungente das bôcas dos pequeninos e o transforme em risos festivos de graças a Deus.

Que em tôdas as almas haja êsse grande prazer de praticar o bem pelo bem.

Que em todos os espíritos refuljam as Hossanas da Caridade que são ainda as que, pela vida fora, nos podem deixar algum encanto perfeito, delicioso e duradoiro.

Se há por aí alguém que não tenha experimentado êsse prazer, verá que não há nenhum que se lhe compare.

MERCEDES BLASCO.

A SANTA CARIDADE DE JESUS



Pieta — Quadro de Fra Bartolomeo della Porta

FIGURAS E FACTOS



Para onde vai a Medicina? — eis uma pergunta a que não saberíamos responder sem ter lido o livro que o dr. Augusto de Esaguy acaba de publicar com este título. Os méritos literários deste ilustre clínico são sobejamente conhecidos pelo numeroso público que o admira através de dezenas de trabalhos de relêvo. O dr. Augusto de Esaguy vai obter um novo triunfo a juntar a tantos que já conta na sua carreira literária e científica. Augusto de Esaguy é dos poucos que sabe para onde vai a Medicina



O famoso livro do sr. dr. Oliveira Salazar — *Discursos e Notas* foi traduzido agora, em língua espanhola e com o título *El pensamiento de la Revolución Nacional* pelo sr. D. José Maria Gil Robles, figura de destaque na vida política de Espanha. Este magnífico trabalho vem acrescentado com um prólogo que é um depoimento notável sobre a actual situação política do nosso País, pela inteligência, cultura e autoridade de quem o subscreve. Gil Robles sabe bem como é difícil governar povos!



João Saraiva, o grande poeta que tanto admiramos, publicou um novo livro que intitulou *Sinfanias*, cantando o delicioso vinho de Sinfaes. Em boa verdade, o novo livro de João Saraiva é embriagador. Bebe-se dum trago desde a primeira à última página, como se do precioso nectar que exalta se tratasse. Lamenta-se apenas, no fim, que não haja mais para nos deliciar, dando assim razão ao velho ditado que nos garante que «o que é bom acaba depressa...»

No seu livro, João Saraiva, cantando o vinho, não é sófrego como Anacreonte nem acerbo como Omar Khayyam. É generoso como o bom vinho e deve ser, e pretende espalhá-lo como a luz do sol que quando nasce é para todos.

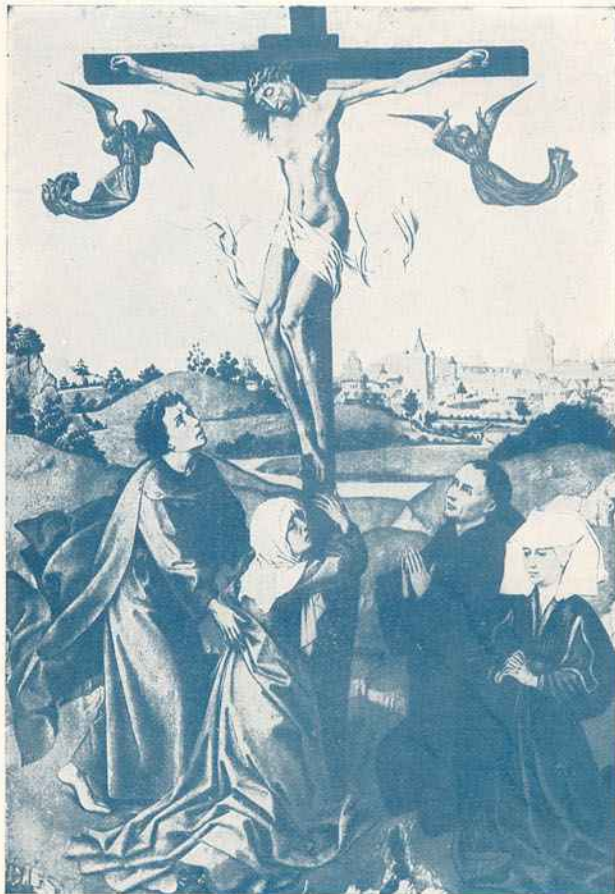
Delicioso livro! Bebemo-lo com o maior prazer à saúde do seu ilustre autor, fazendo votos porque isto se repita por muitos anos e bons.



O general Daniel de Sousa com os concorrentes à prova «Chama da Pátria» no mosteiro da Batalha, por ocasião da comemoração da data gloriosa do 9 de Abril. A Liga dos Combatentes da Grande Guerra promoveu uma romagem ao túmulo do Soldado Desconhecido que revestiu um alto significado patriótico



Por bem — é o título dum livro de versos com que a sr.^a D. Laura Candeias Pitta faz a sua estreia literária. Fértil em conceitos subtis, a nova poetisa trabalha os seus versos com a gracilidade duma finíssima renda, prometendo-nos obras de maior vulto para muito breve. O livro *Por bem* é a autêntica revelação de um talento que se aventurou a abrir as asas e voar. Singelamente, os seus primeiros adejos são rentes à Terra-Mãe. Mas dentro em breve subirá alto, muito alto, sem o menor receio das vertigens



Cristo na Cruz por Van der Weyden

No tempo de Herodes, rei da Judeia, apareceu um visionário de olhar doce e profundo e frases persuasivas e meigas pregando umas doutrinas revolucionárias e salutares. Nunca até ali fóra conhecida a palavra *Igualdade* e a própria *Liberdade* era resfrita e considerada como uma generosa concessão dos senhores para com os escravos.

Surgiu Cristo, e, rapidamente, o seu verbo inflamado correu por toda a Judeia, fazendo tremor o poderoso tetrarca no seu sólio magnífico.

Reünindo à sua volta doze discípulos, de entre os mais rudes pescadores, à excepção de S. Mateus que se dedicava ao comércio, disse-lhes:

— Vinde comigo, que eu vos farei pescadores de almas! — e eles o seguiram. Então Jesus, numa das suas pregações, falou-lhes desta sorte, para que tivessem

bem a consciência da sua missão pelo mundo:

“Não julgueis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer-lhe paz, mas espada; porque vim a separar o homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra. Os inimigos do homem serão os seus mesmos domésticos.”

E, levantando a voz, salientou com toda a clareza:

“O que ama o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim e o que não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim igualmente.”

Ide, portanto, e sabeis que “um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai ao filho; e os filhos se levantarão contra os pais, e lhes darão a morte. E vós, por causa do meu nome, sereis o ódio de todos. Quando, porém, vos perseguirem

HÁ DOIS MIL ANOS O sacrifício do Calvário

Do martírio do meigo Nazareno

rem numa cidade, fugi para outra. Em verdade vos digo que não acabareis de correr as cidades de Israel, sem que venha o Filho do homem.”

Parecendo, à primeira vista, que o Rabbi da Galileia pregava a discórdia sangrenta nos lares, Ele fazia a sementeira da sua seara bendita donde sairia o pão espiritual de toda a humanidade.

“O seu ideal — como afirmou um grande poeta filósofo — pairava mais alto, mais superior, mais acima do egoísmo das classes, das castas, das seitas, das famílias e das pátrias. Para Ele só havia uma família e uma única pátria — a Humanidade. Este é verdadeiramente todo o ideal humano, este é verdadeiramente o ideal transcendente e excelso.

Krishna, e o grande Çakya-Muni, na Índia, o bondoso e sublime Budhá, pregaram contra o egoísmo dum povo massivamente formalista e mercantil e trataram de escaqueirar e de fazer a dissolução dos ritos, das classes e das castas.

Cristo foi mais longe ainda: e deu um golpe mortal na família. E porquê?... Porque, sem isso, o despotismo da família romana, tão férreo, absorvente e exclusivista, que concedia a um pai a autoridade de vida e de morte sobre o filho, e de o vender até como escravo, a seu bel-prazer, não deixaria penetrar no seu seio a larga e liberal doutrina evangélica. Foi nesta insubmissão dos filhos contra seus pais e dos servos contra seus senhores, que a doutrina cristã assentou a sua robusta pedra angular.

Sem ela, a fé não se teria propagado, e a seara de Cristo não teria crescido. Sem ela, não teriam surgido as conversões, as abjurações, os suplicios e a queda dos ídolos. Os filhos, efectivamente, revoltaram-se contra os pais, os escravos rebelaram-se contra os seus senhores — e a grande emancipação das almas fez-se. Desta pequena semente é que brotou a grande árvore da nossa moral alforria, e toda a actual liberdade procede desta insubordinação. A família primeiro elo da sociedade, primeiro esteio dos passos do homem na sua infância, com o seu egoísmo sentimental, subjugava-o porém de mais e premia-o sob a sua despótica tutela, e, quando já na maioridade, tolhia-o muitas vezes para a autonomia espiritual. Eu urgente, pois, para operar uma radical revolução, dar-lhe um golpe fundo — e Cristo deu-lho. A família reagiu, mas a família foi vencida. Foi uma das maiores revoluções do Direito e uma das suas mais sangrentas vitórias.”

Cêra de três anos durara a pregação de Cristo pelas terras judaicas e do seu verbo terno, persuasivo e doce tinham

MIL ANOS do Calvário

resultou a redenção do Mundo

broto os mais são e belos ensinamentos como outros jamais tinham sido escutados por ouvidos humanos.

Mas estava escrito que o Filho do homem deveria ser imolado para redenção da Humanidade!

Reünira Jesus os seus discípulos a fim de celebrar com eles a sua última ceia — a ceia de despedida. Não faltava nenhum. Vieram Simão Pedro, o rude pescador galileu; João, o discípulo amado; Judas Iscariotes, o traidor abjecto que entregaria o seu Divino Mestre às mãos dos seus inimigos; Tomé, o precursor do scepticismo; Mateus, o comerciante regenerado; Marcos, o escriba vernáculo e conciso; Lucas, o evangelista lírico da *Anunciação*; acorreram todos, mal suspeitando a densa agonia que fazia palpar o coração do Rabbi.

Terminada a ceia, dirigiu-se Jesus ao horto de Gethsmani, afim de confortar o seu espírito alanceado com o bálsamo sacrossanto da oração.

Lá ao fundo, a Jerusalém humilde dormia docemente envolta nos mantos embaladores da noite, enquanto nas casas ricas dos fariseus refinam os sons festivos dos ágapes infernais.

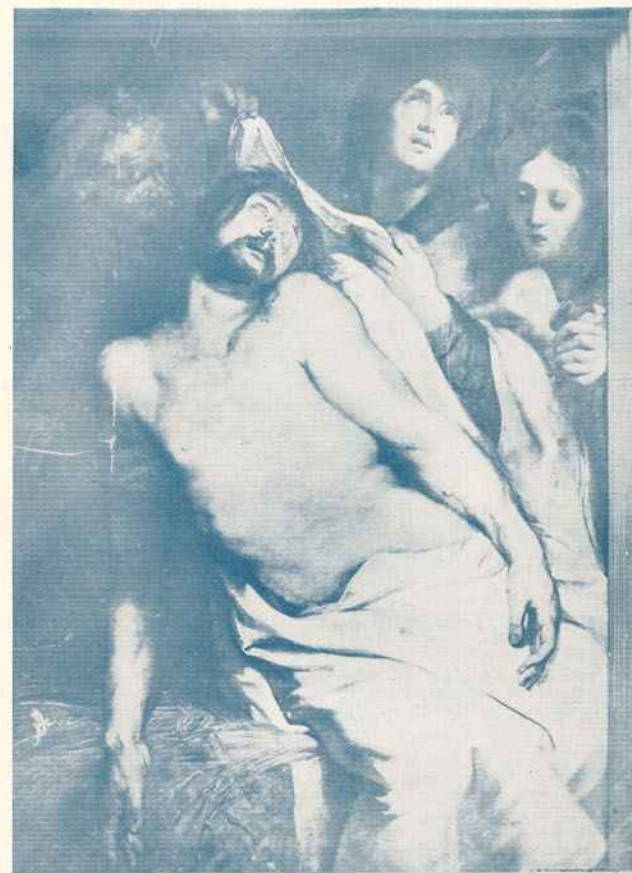
Em vão os olhos de Cristo procuraram o tugúrio humilde da viuva de Naim a quem resuscitara o filho querido; a casa de Jairo a quem restituira, sã e salva, a filha que era todo o seu amor; a habitação de Lázaro que, sendo tão seu amigo, o esquecera naquele momento de angústia e se deixava ficar tão insensível à sua dor como nas horas de esquecimento que passara sob a lage do túmulo — e no coração do nazareno outro agudo espinho — o da ingratidão dos homens — abriu uma nova e profunda chaga. Espalhara benefícios sem conta pelo mundo, restituira a vista aos cegos, curara paralíticos e leprosos, resuscitara mortos, levava confortos a todo o mundo e o mundo, agora, esquecia-se d'ele!

Mas, se estava escrito que assim havia de suceder!...

E, então, num momento de desânimo, os seus lábios murmuraram um queixume:

— Pai, se é possível, apartai de mim esse cálix!

Jesus já morrer no florir da vida, abandonar para sempre aquelas paragens tão belas, onde tinha passado a sua infância e por onde não mais vaguaria a sua figura esbelta e suave, fazendo palpar mais apressado o seio das mais lindas hebréas. E então Cristo-Homem sentiu, por momentos, o apêgo instintivo à vida,



Cristo morto, de Rubens

para logo se conformar com a resignação de um Deus:

— Pai meu, mas que se faça apenas a tua vontade e não a minha!

Dentro em pouco, chegaram os soldados para o prender. Judas vinha à sua frente, afim de lhes dar a senha combinada: — “Aquele que eu beijar, é o homem que buscais — prendei-o!”

Jesus teve ainda uma recriminação ante aquele apirato marcial:

— Vindes para mim com espadas e lanças como se eu fosse um ladrão?

E entregou-se nas mãos dos seus captores que logo o levaram, em grande gritaria, à presença do Sumo Pontífice, enquanto os seus discípulos que tantas vezes lhes afirmaram dar a sua vida por Ele, fugiam apavorados.

Consumára-se o drama do Calvário, onde o sangue do Justo, correu em bor-

botões que, com o rolar dos tempos, se tornariam no caudal impetuoso da libertação dos povos. Surgira uma nova aurora a purificar um mundo de tiranos e opressores, de mártires e oprimidos.

Assim era necessário. A tirania de Tibério de Diocleciano sucedeu o triunfo dos cristãos que iriam levar às cinco partes do Mundo os santos ensinamentos do Evangelho.

De que serviram as terríveis perseguições contra os novos apóstolos? Desde que o mundo é mundo sempre se verificou que “a idéa perseguida é idéa propagada.”

Pode uma avalanche ser provocada pelo roçar duma asa de ave pela neve.

As palavras do Rabbi, embora os seus lábios se tivessem cerrado no derradeiro soluço, ecoaram pelos séculos fóra como um hino de redenção — e o mundo salvou-se!

GOMES MONTEIRO.

UM estudante estúpido como uma porta, foi chamado a análise. Interrogado sobre os elementos da seguinte oração:

Nesse tempo o lavrador cultivava por processos primitivos, ... o rapaz titubeou.

— Diga qual é o sujeito.

— O sujeito é o lavrador — respondeu hesitante.

— Diz bem. E o verbo?

— O verbo é... é... — e procurava avidamente pela página abaixo até que a voltou, perante o sorriso do professor e dos alunos — é... é... Ah! Cá está!

— Cá está, onde?

— Aqui onde diz *estavam no campo*.

—?! Af é que está o verbo daquela oração? Diga então qual é?

Na aula o riso era já franco e irreprimível.

— O verbo é *nu*.

— Nu? Que verbo é êsse?

— Nu é o particípio passivo do verbo despir.

— O réu é católico?

— Não, senhor.

— É protestante?

— Não, senhor.

— Que é, então?

— Sou tintureiro, sr. dr. juiz.

No tribunal:

O juiz — Qual é a sua profissão?

O réu — Aviador.

O juiz — Aviador?

O réu — Sim senhor; aviador. Estou empregado numa mercearia, e sou eu quem avia os fregueses.

— Então o seu filho passou no exame?

— Não, senhor. E tudo por causa dos partidos.

— Mas o rapaz mete-se em política?

— Não, senhor, não são êsses partidos, são os outros, os das contas.

— Ah! os quebrados?

— Sim, sim, os quebrados ou partidos.

Numa aula de fortificação:

Professor:

— Como valor estratégico, qual é mais importante, um forte ou uma fortaleza?

Aluno:

— A fortaleza.

Professor:

— Porquê?

Aluno:

— Porque sendo feminino é mais difícil de reduzir ao silêncio.

O oficial instrutor de equitação recomendava aos recrutas que se ligassem bem aos cavalos para evitar cair.

Vendo um deles que andava a dançar com as pernas e estava na iminência de cair, disse-lhe:

— Ó 43, vira bem a ponta do pé para a frente e carrega no calcanhar para



baixo, senão, podes cair, e partir uma tibia.

Como o 43 esboçasse um ligeiro sorriso, disse-lhe o oficial:

— Ó 43, tu sabes o que é uma tibia?

— Sei sim, meu tenente.

— Então o que é que vem a ser?

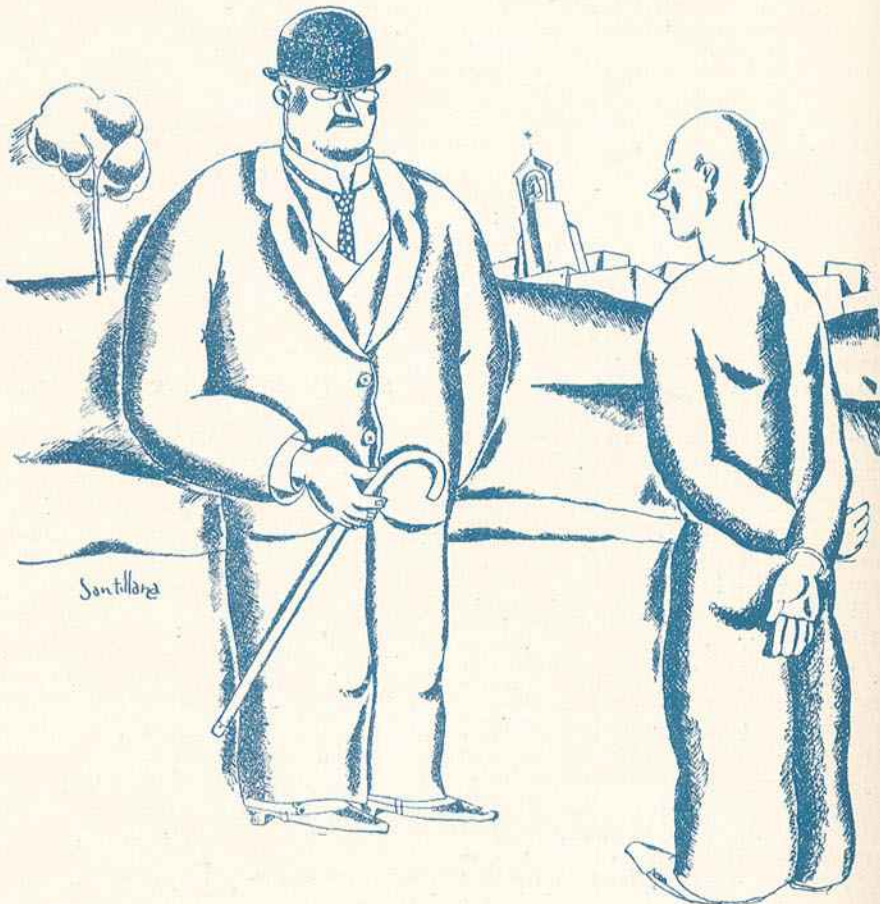
— É uma coisa que a gente *têbe* e já perdeu.

A bordo dum barco, um visitante pede que lhe mostrem as cavalariças.

— As cavalariças?!

— Sim, senhor. Aquelas onde estão os 8 mil cavalos dêste navio.

No tempo em que o Brasil usava a moeda *fraca* e nós a *forte*, um oficial de



— Diz o senhor que quer ver uma coisa muito grande e muito velha?
— Sim, homem, um monumento famoso que existe nesta terra...
— Ah... Isso só se for a mulher do Doutor Juiz.

marinha daquele país dizia a um português:

— O nosso *Guarany* desloca 15.000 toneladas.

O português, achando exagerado o número:

— Fracas ou Fortes?

Entre marido e mulher:

Ela. — Então, essa surpresa que tu dizias preparar para o dia dos meus anos?

Ele. — A surpresa?... A surpresa é que te não posso dar nada êste ano...

Em África:

Um soldado preto estava muito doente numa enfermaria. A certa altura teve qualquer síncope, pelo que foi julgado morto pelo respectivo médico.

Pela tarde fôram 4 pretos enterrá-lo; acordando nessa ocasião, opôs-se como é natural à operação dizendo, que estava vivo.

— Você é doido! Qué sabê mais que siô Doutô?

O *desempregado* — Foi o sr. que pôs um anúncio para um caixa que saiba bem do seu ofício?

O *patrão* — Sim, senhor. Está nas condições?

O *desempregado* — Durante 5 anos que estive em caçadores 7, e nunca ninguém me levou a palma a tocar caixa.

Festas de caridade

EXPOSIÇÃO E VENDA

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, efectuou-se nas tardes de 5, 6 e 7 do corrente, no antigo salão da Garrett, no Largo das Duas Igrejas, uma interessante «Exposição e Venda de Trabalhos», a favor da benemérita instituição Casa de Protecção e Amparo de Santo António, que foi elegantemente concorrida, à hora do «chá» durante o qual se exibiram distintos artistas dos nossos teatros musicados, bem como alguns amadores, que deliciaram a selecta assistência, em vários números do seu melhor reportório.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como artístico e mundano.

NO PALÁCIO

A favor do fundo de Assistência Social do 8.º Batalhão da Legião Portuguesa, efectuou-se na tarde do dia 9 do corrente, no cinema Palácio, ao Arco do Cego, gentilmente cedido pela empresa Vicente Alcantara, uma festa de caridade, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Amélia Almeida Serra, D. Ana Almeida Serra, D. Berta Campelo, D. Clotilde Lobo da Costa, D. Emília Almeida Serra, D. Judite Mocho, D. Maria Joana Mousinho de Albuquerque, e D. Maria Piedade, tendo o programa que era composto de variedades e cinema, deixado a melhor impressão na selecta assistência na qual figuravam, além dos altos comandos da Legião Portuguesa, grande número de famílias em destaque na nossa primeira sociedade.

NO CENTRAL

Na tarde do dia 31 de Março último, realizou-se no Central Cinema, uma festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte D. Alda de Macedo Pereira Coutinho, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, D. Clarisse Guimarães Lomelino, D. Helena Burnay, D. Isabel Ulrich de Castro Pereira, D. Joana Teles da Silva (Tarouca), D. Judite de Souza e Faro de Lencastre, D. Maria Augusta de Carvalho Nunes, D. Maria Benedita de Castro Pereira Ulrich, D. Maria Benedita Perestrelo Guimarães, D. Maria da Conceição Sinel de Cordes Celestina Soares, D. Maria Feliciano Ortigão Burnay, D. Maria Zuzarte de Mascarenhas e marquez de Pombal, cujo producto se destinava a favor do «Vestibulo das crianças recém-nascidas, no Hospital de S. José», sendo elegantemente concorrida.

NO ODEON

Realizou-se com uma enorme e selecta concorrência, na tarde de 23 de Março último no cinema Odeon, uma festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte D. Amélia de Carvalho Maia, D. Amélia de Vasconcelos e Távora, D. Ana Mayer de Carvalho, D. Antónia da Câmara Rebelo de Andrade, D. Berta Marques da Costa Lupi, Condessa de Penalva d'Alva, Condessa de Penha Garcia, D. Isabel Maria Carvalhosa, D. Julieta de Freitas Forjaz, D. Maria Adelaide Daun e Lorena Carvalho Nunes, D. Maria Alice Schroette de Oliveira Pires, D. Maria Amélia Oliveira Simões, D. Maria Augusta de Carvalho Nunes, D. Maria Augusta Forjaz Trigueiras, D. Maria Canela Emídio da Silva, D. Maria Carlota de Paiva Raposo Parreira, D. Maria do Carmo Salgado, D. Maria de Castelo Branco Arantes, D. Maria Ferrão de Saldanha da Gama (Ponte), D. Maria da Graça Diogo da Silva Teixeira, D. Maria Helena Diogo da Silva Teixeira, D. Maria Izilda de Castelbranco Pinto Basto, D. Maria de Lima Veloso Salgado, D. Maria Margarida Mendonça de Sousa, D. Maria das Mercês Cordeiro Blanco, D. Maria Tereza Roma Machado, D. Stela de Avila de Freitas Branco, Viscondessa de Botelho, Viscondessa de Riba Tâmega, e Viscondessa de Sanches de Baena, cujo producto se destinava a favor do vestíbulo das crianças pobres da freguesia das Mercês.

Da mesma comissão recebemos, com o pedido de publicação, as contas da mesma festa:

Recetta. — Bilhetes vendidos, 4.326\$00; Programas, 76\$60; Bolos, 322\$00; Leilão, 242\$60. Total: 4.967\$20. Despesa 718\$00. Recetta líquida da festa: 4.248\$30.

BANQUETES

Efectuou-se um jantar de despedida em honra do sr. Dr. Alberto Gomes de Amorim, oferecido por um grupo de amigos íntimos, o qual decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, trocando-se no final affectuosos brindes.

VIDA ELEGANTE

Foram convivas além do homenageado os srs. Dr. Manuel Corte Real, Dr. Salvador da Cunha e Menezes (Olhão), Dr. Luiz de Roma Machado de Paiva Raposo, Dr. Alves Ferreira, Dr. José Soares Franco, Luiz de Freitas, Dr. Francisco de Avilez, António Soares Franco, Tomás de Atouguia Pinto Basto, Jorge Gomes de Amorim Pinto Basto, José Manuel Salgado, António Ramada Curto, João Gomes da Costa, António Canavaro e António Freitas.

Casamentos

— Presidido pelo prior da freguesia reverendo Monsenhor Pinheiro Marques, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paróquia de S. Pedro, em Alcantara, o casamento da sr.ª D. Maria Manuela de Almeida, interessante filha da sr.ª D. Júlia de Almeida e do coronel de cavalaria sr. Artur José de Almeida, ilustre comandante do regimento de cavalaria 2, com o sr. Morris Guitana Lewes, filho da sr.ª D. Maria Guitana Lewes, e do sr. Roderick M. Lewes, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a prima do noivo, sr.ª D. Ester Braghton Müller Elias, e de padrinhos o pai da noiva e o primo do noivo, sr. Morris Müller Elias.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Palmira da Conceição dos Santos Jacinta, gentil filha da sr.ª D. Jesuina dos Santos Jacinto e do sr. António Jacinto, já falecidos, com o sr. Henrique Bravo Martins, filho da sr.ª D. Sára Maria da Costa Bravo Martins, e do sr. Abelard Francisco Martins, servindo de madrinhas, a tia da noiva sr.ª D. Palmira dos Santos Fernandes e a mãe da noiva e de padrinhos o tio da noiva sr. Artur Bernardo e o pai do noivo.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência da mãe da noiva, partindo os noivos a-quém foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Para seu filho Manuel Diogo, foi pedida em casamento pelo sr. Diogo Eduardo Borges de Almeida de Avila, a sr.ª D. Aida Camila de Sequeira Santos, interessante filha da sr.ª D. Maria de Sequeira Oliveira Santos e do sr. Manuel de Oliveira Santos, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Celebrou-se na paróquia do S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Judite Tavares de Sousa Lima, gentil filha da sr.ª D. Maria Júlia de Sousa Lima, já falecida, e do sr. Manuel Tavares Pereira de Lima, com o sr. Américo de Sousa Ramos, filho da sr.ª D. Rosa de Sousa Ramos e do sr. António de Sousa Ramos, servindo de madrinhas a sr.ª D. Palmira Rocha Tavares de Lima e a mãe da noiva e de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência do pai da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a-quém foram oferecidas grande número de artísticas prendas para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Na paróquia do Coração de Jesus, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Irene de Nova Monteiro Esteves, com o tenente sr. Américo do Patrocínio, tendo servido de padrinhos por parte da noiva o sr. dr. Eliziário Luís Monteiro e

sua esposa, e por parte do noivo o sr. Ernesto Gomes e sua esposa.

Acabada a cerimónia, foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos, a-quém foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para a Póvoa do Varzim, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se o casamento do sr.ª D. Lídia Valentim Antunes, interessante filha do sr. José Tavares Antunes, enfermeiro-chefe dos Hospitais Civis de Lisboa, com o sr. Amadeu Gonçalves Barbosa, tendo servido de madrinhas as sr.ªs: a distinta actriz D. Maria Benard e a sr.ª D. Maria de Oliveira Nogueira e de padrinhos os srs. Salvador Pedro Gonçalves e António Esteves Nogueira.

Na elegante residência da madrinha da noiva, a distinta atriz D. Maria Bernard, foi servido no final da cerimónia, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte onde foram passar a lua de mel.

— Com grande brilhantismo celebrou-se na paróquia de Santo António do Estoril, presidido pelo prior de Barrancos, reverendo Conego Alfredo de Almeida, que antes da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Ana Garcia Fialho, gentil filha da sr.ª D. Maria das Dores Garcia Fialho e do sr. José Blanco Fialho, com o sr. engenheiro Manuel Carlos Sanguinetti Beirão da Veiga, filho segundo da sr.ª D. Maria Cândida Sanguinetti Beirão da Veiga, já falecida e do nosso querido amigo sr. dr. Caetano Maria Beirão da Veiga, ilustre director delegado da empresa do nosso presado colega «Diário de Notícias», tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Maria das Dores Blanco Fialho Garcia, tia da noiva e D. Maria Carolina Sanguinetti, tia do noivo e de padrinhos o tio da noiva sr. dr. Francisco Garcia y Garcia, e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, no Estoril, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para Lisboa, donde partiram para uma digressão pelo país.

— Celebrou-se com a maior intimidade, em capela armada na elegante residência da sr.ª D. Rosa Marques de Carvalho, e do ilustre clínico e professor catedrático da Universidade de Lisboa, sr. dr. Raul de Carvalho á rua de D. Estefania, o casamento de sua interessante filha D. Maria Helena, com o sr. D. José João Braga Borges de Castro, filho mais velho da sr.ª D. Ofélia Braga Borges de Castro e do sr. D. José Borges de Castro, actualmente residindo no Rio de Janeiro, servindo de madrinhas as sr.ªs D. Maria da Purificação Marques, avó materna da noiva e D. Maria do Patrocínio Seguro, e de padrinhos os srs. Manuel Francisco Marques, tio materno da noiva e importante proprietário em Torres Vedras, e Jaime da Cruz Seguro, tio do noivo, presidindo ao acto o reverendo Gameiro, que no fim da missa puonunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servida no salão de mesa da elegante residência, um finíssimo almoço, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas para a quinta dos pais da noiva, em Santa Cruz, perto de Torres Vedras, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria Adelaide Ferreira, gentil filha da sr.ª D. Júlia de Oliveira Ferreira e do sr. Eugénio Ferreira, já falecido, com o sr. Raul António de Campos, filho da sr.ª D. Maria do Rosário de Campos e do sr. Manuel António de Campos, servindo de madrinhas, as sr.ªs D. Eugénia Ferreira Tavares de Lima e D. Idalina Augusta de Campos Delgado e de padrinhos os srs. Humberto Tavares Pereira de Lima e António Haddington.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas para o norte do país, onde foram passar a lua de mel.

D. NUNO.



Na Inglaterra, durante o primavera, as gimnastas dos colégios de raparigas são instaladas ao ar livre, em pleno sol.

Não há muitos anos ainda que a mulher portuguesa descobriu a conveniência de se entregar ao culto da educação física, fugindo aos limites acanhados dum sedentarismo de hereditariade mourisca que a tradição lhe impuzera como regime de vida.

Não fica mal proclamar a verdade e reconhecer que, neste capítulo da educação feminina, caminhamos ainda no pelotão da reatguarda das nações europeias, embora não sejamos os últimos; um admirável impulso renovador, animado pelo entusiasmo com que o génio impulsivo dos portugueses acolhe os problemas novos, afira-nos neste momento para diante, no anseio de alcançar posição na vanguarda. Pode suceder, porém, que a pressa de progredir seja excessiva e nos faça tropeçar no caminho ou desviar do bom sentido; é prudente acautelarmo-nos contra a influência do nosso espírito meridional e estabelecer de antemão as bases pedagógicas dum assunto que, pela sua amplitude e oportunidade, pode ser considerado dos mais importantes na complexa equação do ressurgimento nacional.

Para atingirmos com segurança o objectivo são neste caso indispensáveis dois processos de propaganda: um tendente a convencer a preconceituosa sociedade portuguesa da necessidade da educação física da mulher; outro, esclarecendo a tífida diferenciação existente entre os elementos de prática aplicáveis aos dois sexos e afirmando os perigos de qualquer erro na respectiva utilização.

Mais ainda, incomparavelmente mais do que para a mocidade masculina, o exagero ou a desvirtuação da prática desportiva constituem, para as raparigas, perigosas aventuras que princípio algum pode justificar.

Não sejam estas palavras tomadas como condenação formal do desporto feminino; longe de mim semelhante ideia. A mulher pode e deve praticar o des-

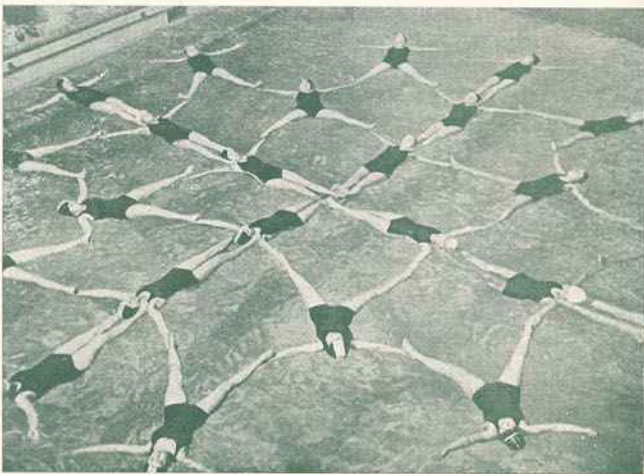
porto, mas um desporto escolhido para a sua fisiologia especial, tendo em vista as suas funções sociais tão melindrosas, compatível com a feminilidade — mixto de graça e harmonia que não exclui vigor e desembaraço —, à qual se subordina todo o seu plano educativo; e só poderá e deverá praticá-lo depois de convenientemente preparada por largo período de actividade gymnástica e reconhecida a sua aptidão para exercícios mais intensos.

Temos, portanto, dois problemas distintos e de importância diversa: o problema da prática desportiva pela mulher, que é um problema complementar, secundário; o problema da educação física feminina, que é fundamental e instante.

Não há muitas semanas ainda que, numa notável conferência, o professor tenente Marques Pereira expôs com clara argumentação o critério conveniente para orientar e organizar a educação física da mulher portuguesa em bases dum sistema gymnástico verdadeiramente educativo, cientificamente educativo, distinto de fantasias coreográficas e rítmicas que triunfam aos olhos do público desconhecedor porque são espectaculosas e artísticas, mas falham perante o julgamento dum analisador competente porque não correspondem aos preceitos dum acção educadora completa.

A influência da prática dum boa gymnástica educativa não se reflete apenas no desenvolvimento do corpo; vai muito mais longe. Cometem um erro basilar de interpretação aqueles que traduzem educação física por educação do físico; o exato sentido é educação geral por meio dos exercícios físicos, e rasga muito mais vastos horizontes ao seu campo de actividade.

O corpo é para nós, criaturas terrenas, o instrumento necessário à expansão da alma, escreveu a afamada professora Elli Bjorksten; tudo quanto fizermos em be-



Um grupo de raparigas, alunas duma escola americana de natação num exercício de conjunto do mais belo efeito decorativo

A QUINZENA DESPORTIVA

nefício do primeiro resulta, pois, para a segunda que encontra assim um reflector capaz de pôr em realce o brilho das suas virtudes.

Tôdas as razões se coordenam, sem uma única excepção, para reforçar a afirmativa da necessidade para a mulher da cultura física regular.

Deixemos de banda, pelo que valem, os argumentos sofismados dos eternos queixosos quando proclamam que as mulheres não devem praticar o exercício físico por não ser essa a sua missão social nem o aconselhar a sua constituição. Seria exato se fizéssemos da prática física uma finalidade restrita; mas ruem pelo fundamento essas críticas quando a gymnástica, na sua função educativa, oferece apenas à mulher energia e vontade para prosseguir na senda difícil da vida, moral, optimismo e confiança própria para triunfar nas suas aspirações sociais, graça, harmonia e equilíbrio para conquistar o seu posto na sociedade em que vive.

Educação física é sinónimo de beleza e saúde, os dois ideais mais cubiçados pela mulher, e ajuda-a a conservar além dos limites vulgares êsse preciosíssimo e fugidio bem que é a mocidade, mocidade que em nossa mente evoca a visão de corpos belos e harmoniosamente desenvolvidos, espíritos desempeoiados e abertos a tudo quanto seja grandioso e bom, pensamentos puros e claros, caracteres firmes irradiando vontade criadora.

Para as responsabilidades futuras do povo e da Nação precisamos educar as nossas raparigas — as mãis de amanhã — pelos moldes de tão nobre ideologia, fortalecendo as virtudes morais de tradição na raça com o apoio de organismos

robustos e sádios. Sem fantasias, fugindo a impressões e influências de escolas heterodoxas, divulguem-se os preceitos da sã gymnástica educativa, generalize-se a prática respectiva, centralize-se a sua propaganda segundo um padrão uniforme e a fecundidade dos resultados colhidos surpreenderá os mais optimistas semeadores.

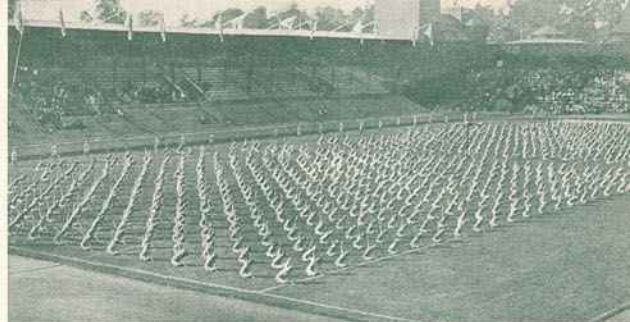
A educação física, expressa no ensino dum gymnástica completa será o correctivo lógico das imperfeições e deficiências que inferiorizam em graça e em vigor o corpo da maioria das nossas raparigas. Sentadas horas consecutivas nos bancos da escola ou no tamborete do piano, curvadas sobre os livros de estudo ou ocupadas em labores manuais, as raparigas vão sendo vítimas do progressivo aniquilamento dos músculos cuja função lhes força a atitude. Aconselhadas quasi sempre pelas próprias mãis, amarram-se em corpetes e cintas dentro dos quais é impossível a expansão natural da caixa torácica em período de crescimento activo, e cuja acção sustentadora pretende substituir a acção fisiológica dos músculos do tronco, condenados desta forma à inactividade que os conduz à atrofia, abandonando à influência da gravidade as regiões que tinham por missão manter eretas.

Quanto desastres físicos não têm por origem os erros cometidos durante o período da adolescência, gerados em velhos hábitos e preconceitos que a hygiene condena! A parede anterior do torax, em vez de abaular para oferecer aos seios um apoio obliquo e eficaz, permanece plana e vertical como um muro escorregadio sobre o qual nenhum busto consegue manter-se; a parede abdominal, votada à imobilidade e comprimida pelas cintas, transforma a tripla e forte cintura muscular num amálgama flácido de gorduras e tecidos degenerados que a primeira maternidade distende irremediavelmente; os membros inferiores, condenados pelos saltos exageradamente ele-

vados a processos de marcha contrários à lei da natureza, deformam-se e cobrem-se duma rede fina de varicosidades; tantos recursos artificiais em busca dum beleza fictícia, quando afinal os meios naturais a concedem à mulher, bem mais duradoira, por intermédio do exercício físico disciplinado nas normas da gymnástica educativa!

Esta parte do plano de reforma até agora exposta é aquela que considerámos fundamental e que é indispensável pôr em execução na máxima escala; ela fará florir as novas gerações femininas em primores de graciosidade saudável, dando-nos aos milhares raparigas cujo equilíbrio físico e moral se exteriorize na alegria indispensável ao bem estar na vida, em cuja tez o beijo do sol substituiu o pó de arroz amorenado e nas quais a oxigenação do sangue dispensa o carmim do perfumista nas faces e o verme-lho do droguista nos lábios.

Serão estas as raparigas a quem poderemos consentir, consentir e aconselhar, a prática moderada de certos desportos. Num relatório apresentado à Sociedade Médica Belga de Educação Física, o dr. Marnelle concluiu: "A mulher pode sem perigo entregar-se à modalidade educativa que a maioria dos desportos encerra. Quanto à autentica modalidade desportiva, com suas compelições excessivas e a procura do rendimento máximo, acarreta incontestáveis perigos particulares para a mulher que não possui a força muscular do homem e cujo organismo não pode ser, com a impunidade dos organismos masculinos, sujeito a grandes fadigas físicas ou nervosas nem a quaisquer traumatismos directos ou indirectos,



Mil raparigas numa parada de gymnástica em Estocolmo. Espectáculo que um dia veremos em Portugal

sobretudo nas regiões do torax e do abdomen.

Estas frases definem em perfeito acôrdo com o nosso critério o problema do desporto feminino: o desporto satisfaz uma necessidade de movimento, de livre expansão de energia armazenada, que proporciona a mais bela sensação de vida produtiva; e se, no homem, a sua prática responde a uma instância característica do sexo — a acção —, na mulher tem a preciosa indicação positiva da procura e da conservação da saúde.

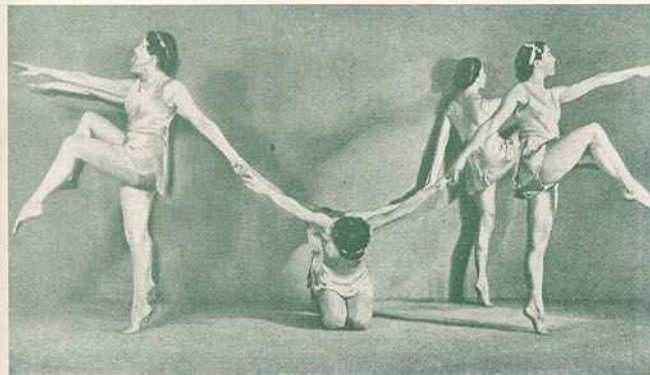
A educação desportiva das raparigas, sendo aplicada na hora própria e pela forma conveniente, só lhes pode trazer vantagens. Abolindo os exercícios de força, as provas de esforço intenso ou prolongado, os jogos de choque ou em campo largo, fica-nos ainda farta variedade por onde escolher.

A natação, em primeiro lugar: não esqueçamos que a mitologia grega fez nascer Aphrodite, o símbolo da beleza, do seio emeraldino das águas.

Depois, algumas variantes do atletismo, que não merece a condenação global pronunciada por alguns juizes; o lançamento do dardo, o salto em altura, as corridas de pequena metragem, coadunam-se perfeitamente no quadro das possibilidades femininas. Por fim, jogos como o volleyball, o tennis, o basketball, o ring-tennis, o ping-pong, inscrevem-se à testa do rol e podem ser empregados sem receio nem reservas. Temos, neste enumerado sintético, repertório bastante para completar com exercícios desportivos a acção educativa primária dos movimentos gymnásticos. Ficou bem estabelecido o direito legitimo de prioridade que a êstes pertence no sistema de aplicação, os melindres que envolvem o emprêgo daqueles e o interesse que reside na conjugação harmónica de ambos.

A verdade a fixar é a seguinte: a educação física da mulher, gymnástica primeiro, desportiva depois, aplicada com acôrto e propriedade não a aproxima dos moldes masculinos; aumenta-lhe a graça e a frescura, atribui-lhe elegância e desembaraço, garante-lhe saúde e mocidade, valoriza-a e aperfeiçoa-a.

A mulher moderna não tem piores inimigos do que o sedentarismo e os artificios da existência que erradamente criou para si na sociedade actual. Está nas suas posses o esforço de reacção vitoriosa; aqui lhe indicámos as linhas gerais do plano a que deve cingir-se.



A dança, excelente adjuvante da gymnástica educativa, realça com as suas posições a graça feminina

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, 2 vol.; Sí-mões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga lingua-gem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette (Sinóni-mos e língua); F. Torrinha; A. Coim-bra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Cha-ves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Re-belo Hespanha; Lusíadas.

RESULTADOS DO N.º 3

Decifradores — TOTALISTAS — (21 pontos)

Agasio, Alfa, Romeo, Diriso, Fra-diávoló, Mirna e Visconde X

OUTROS DECIFRADORES

Ti-Beadó — 19; Elvesto — 16; Dama Negra — 14; Pimpas — 13; e Tarata — 10

DECIFRAÇÕES

1 — Selamurdo. 2 — Desgraçado. 3 — Soada. 4 — Gostosura. 5 — Picada. 6 — Malsim. 7 — Galantear. 8 — Geitoso. 9 — Latada. 10 — Anho-to. 11 — Fingido. 12 — Sarcina. 13 — Sagrado. 14 — Professa. 15 — Escuta. 16 — Perigo. 17 — Querida. 18 — Agarra. 19 — Amalhar. 20 — Al-gosar. 21 — Um valente acha outro.

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS ANTIGAS

Uma história... ou talvez não.

A gentil «Mad Ira» com a devida vénia

Crescite et multiplicamini

1) Foi generoso o Senhor
Para a Zilda: A paz no lar;
Marido trabalhador
E o biquinho a chilrear
Dum bebé que é um amor.

P'ra o casal ser mais feliz
Faz-lhe falta uma filhinha...

E é o bebé quem lho diz:
«— Meu pai! Dá-me uma irmãzinha! — 1
— Manda-ma vir de Paris.

«Rompe o dia e vais lidar.
«A mamã faz-me festinhas...
«Mas com quem hei-de eu «reinar»?!
«As vavós! São amiguinhas
«Mas já não sabem brincar...»

Os pais olham-no, sisudos:
«— O negócio está de rastos...
«Os tempos estão «bucudos»...
«Não se podem fazer gastos,
«Nem a vontade a «meúdos». — 2

«— Ouve! Um momento, filhinho!
(Diz-lhe a mãe, vendo-o chorar)
«Não chores, que o papázinho,
«Se o negócio melhorar,
«Talvez te faça o «geitinho»...

Lisboa *Túlia Terna*

2) Com rosas eu sonhei!... como alegre — 3
Minha alma vagabunda, apaixonada!
A linda côr das rosas, encarnada,
Fez-me lembrar uns lábios que eu amei.

Bem haja a santa noite em que sonhei
Com flor's da côr da boca idolatrada,
Da boca fresca e bela, abençoada,
Que com fervor enorme eu já beijei!

Por momentos se foi a gran tristeza — 1
Que a falta do meu Bem me tem trazido,
Falta de Alguém por quem meu peito reza.

Para que despertei?! Tivesse eu ido.
P'ra Além-Vida beijar minha princesa,
Com quem vivi, outrora, distraído!

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI
NÚMERO 12

II

Para o Mirones ler ao Rina, numa noite luarenta

3) Nunca falte o caldinho à nobre pança
Daquelle que primeiro exemplo deu
De andar por aí de tola sempre ao léu,
Bem haja quem de tal teve a lembrança.

De enaltecer a moda não se cança
Minha língua de prata, encanto meu!
Graças à moda, o meu pobre chapéu,
Entre teias de aranha hoje *descança*. — 2

No cabide da casa, onde eu o puz,
Num dia em que senti bem depenada
Minha bolsa, que só cotão *produz* — 1

Bem haja o meu chapéu e a moda usada;
Esse chapéu sebento e de lapuz,
Que lá no penhorista tem *morada*!...

Paio Pires *Olegna (L. A. C. e D. A.)*

4) Tem sempre *moderação* — 2
Nesta tremenda subida;
Só assim lá chegarás
Com alegria e com vida.

Onde existe uma paisagem — 1
Há vida e não há agura;
É assim o meu amor
Que só resume *frescura*.

E eu admiro, ó minha linda,
O teu rôsto idolatrado;
Porém mais adoro ainda
O teu ser *morigerado*.

Lisboa *Adeusinho (L. A. C.)*

21) ENIGMA FIGURADO

Ao prezado amigo e confrade Ordisi



Biscaia *Olegna*
Albergaria-a-Velha *(L. A. C. e D. A.)*

SINCOPADAS

5) A terrível *apatia*,
Que me faz andar tão triste,
Vem do afecto que eu sentia,
Dêsse amor que ainda *existe*. — 3-2

Lisboa *Adeusinho (L. A. C.)*

6) Fica-se sempre *aturdido*
Quando o nosso coração,
Numa *esp'rança*, é *sacudido*
Por forte *desilusão*. — 5-4

Lisboa *Romon Lágrimas*

ENIGMAS

7) Sempre que no final de um grande amor
As lágrimas assomam, reflectidas...
É por que dêsse tempo sedutor,
Recordações ficaram, bem queridas.

Contudo, *se ao contrário*, antes quizeres
Rir, zombar... riso cínico e brutal...
Talvez seja, quem sabe, p'ra *fazeres*
À minha alma tristonha um maior mal.

Sòmente foste atrás do vil *dinheiro*
Começando uma vida tão faustosa!...
Tal foi teu proceder interesseiro,
O terrível mulher, alma orgulhosa.

Tiras, contudo, algum proveito; e a sorte
Te ampare sempre e sempre ela te assista;
Para ergueres bem alto, até à morte,
O teu lindo troféu, tua *conquista*...

Lisboa *Adeusinho (L. A. C.)*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

8) A *espécie de cartaxo desde* que foi mordido
pela *espécie de polypo* ficou com o rabo branco.
2-1-2.

Lisboa *Mr. Dell*

9) Sentado na *ribalta não faz a côrte*. 2-1.

Lisboa *M. A. P. M.*

10) Encontra-me *defeito só porque* não sei *mas-tigar*. 1-1.

Lisboa *Mirna*

11) *Faço esforços* por fazer charadas simples
e de um sentido perfeito. 2-1.

Lisboa *Mirones (L. A. C.)*

12) Cumprir a *lei é um procedimento altivo*. 4-1.

Biscaia *Olegna (L. A. C.)*

13) O *cabelo branco* caiu mesmo *agora* no caldo
da *galinha com arroz*. 1-1.

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

SINCOPADAS

14) A *lida* de muitos semelhantes é, por vezes,
dilatada por uma atroz *aflição*. 3-2.

Lisboa *Adeusinho (L. A. C.)*

15) Não há melhor *lanche* que *galinha*. 3-2.

Lisboa *Rina (L. A. C.)*

16) A *ralé* vive bem num *cano*. 3-2.

Luanda *Ti-Beadó*

17) O preço da *uva* é uma *pechincha*. 3-2.

Lisboa *Mr. Dell*

18) Tôda a *opressão* é odiosa! O direito à *vida*
é livre! 3-2.

Lisboa *De Negro (M. D. C.)*

19) E o *alcaravão* fez a sua entrada no meio
de grande *pompa*. 3-2.

Lisboa *Príncipe Alex Karhejoff (M. D. C.)*

20) Se não fosses *impostor* talvez te fizesse o
favor de te acreditar. 3-2.

Lisboa *Voltaire (M. D. C.)*

Tôda a correspondência respeitante a esta
secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo,
redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º
— Lisboa.

A CRIANÇA E OS ANIMAIS



E triste é a infância que não é barulhenta; é anormal ou doentia.

Mas além dessa vida na «Nursery» onde brinca e faz barulho, tera uma vida higiénica ao ar livre, nos parques públicos ou nos jardins particulares, quando o tempo o permite e verdade seja dita, que para a criança inglesa o tempo permite sempre, porque é necessário, que esteja verdadeiramente tempestuoso para que as crianças não saiam habituando-se assim às inconstâncias do seu péssimo clima.

Mas nesses passeios, nesses brinquedos são sempre acompanhados por um cão, guarda vigilante e cuidadoso umas vezes, ou companheiro brincalhão e alegre, outras, que anima os jogos e confunde as brincadeiras.

É talvez devido a essa convivência de sempre, que o inglês tem como ninguém a arte de tratar os animais, sendo dedicadíssimo a eles, mas fazendo-os viver com animais embora faça deles os seus companheiros.

O cão entre nós ou em França quando animal de estimação, é em geral um bicho insuportável. Obeso, por excesso de alimentação, resmungão, agressivo e malcreado. Deita-se nos sofás, rosna é alvo de carícias, que o tornam mau e invejoso, tornando-o nesses casos perigoso para as crianças de quem tem ciúmes, e a quem pode morder, e, devido à forma como o alimentam, sujeito a doenças de pele contagiosas.

O cão na Inglaterra é estimado como cão e vive como animal. Só come o que deve ser e é um simpático animal e um esplêndido companheiro para as crianças que adora e que respeita, porque desde pequenino é ensinado a respeitar os donos e a ser obediente.

Nada mais antipático do que animais tratados como gente, e, para que se saibam tratar, é necessário estar habituado a conviver com eles.

Na criança há o natural desejo quando se afeiçoa a um animal de lhe dar muito de comer, até no seu próprio prato, de o meter na cama, assim como gosta de dormir com o último brinquedo que lhe deram, tem a tendência para levar o gato borralheiro, que não precisa de muitos convites para se instalar na cama do bebé, ou o cão que enroscado, vela o sono do seu pequeno senhor.

Nenhuma destas coisas se devem consentir, e assim educando a criança educa-se também o animalsito, que depois de civilizado se torna da mais agradável companhia.

É ridículo que uma criança tenha medo de todos os animais e não saiba conviver com eles, assustando-se ao primeiro ladrado, de alegre reconhecimento, ou ao miar terno dum manso gato,

mas é também inadmissível que se faça viver animais como gente numa convivência incomodativa. Mas para saber lidar com bichos, educá-los, é preciso saber fazê-lo.

Os animais são ótimos companheiros, um cão que esteja educado sabe quando pode ladrar e fazer barulho, ou quando deve respeitar o cismar silencioso do seu dono. Não há melhor companhia para um passeio a pé numa estrada ou nas ruas arborizadas dum parque, corridas alegres dão-nos a impressão de satisfação e o desejo de andar; e a vigilância contínua dos seus olhos dizem-nos que não estamos sós, sem que a companhia nos incomode com vãs ou inúteis conversas. Um rosnar cuidadoso indica-nos a aproximação de desconhecidos contra quem o seu instinto de guarda, nos precavê.

Dentro de casa o gato é dum sossego que faz bem. Silencioso e cauteloso atravessa as salas sem fazer barulho, não entorna uma jarra, e, quando se senta magestoso e tranqüilo, olhando-nos do fundo dos seus olhos verdes, que cerra cautelosamente, sentimo-nos acompanhados, por um ente vivo que nos não incomoda, mas que nos prescrua, para quem somos um enigma, como ele o é para nós, esse felino que se faz dóce em marradinhas ternas, arqueando o dorso, e miando suavemente, mas a quem não devemos importunar porque nos mostra as garras pequeninas, que as suas patinhas de veludo escondem.

É uma companhia com o seu «ronron» de bem estar e com o seu olhar enigmático.

Deixemos pois às crianças a convivência dos animais, que elas tanto apreciam e que lhes é útil também, mas uma convivência inteligente e civilizada; não lhes permitindo que os maltratem nem tão pouco, que os tratem bem de mais; como gente, num exagero de mimo, que os faz infelizes e os torna insuportáveis.

Aproveitemos os animais como um meio educativo, ensinando as crianças a serem boas para eles, mas não piégas, a saberem afeiçoar-se com senso comum, e não com exageros doentios, a saberem brincar com eles sem os maltratar, despertando nessas almas tenras o sentido da protecção e da ternura bem compreendidas.

E desta maneira podemos estar seguros que os animais serão para as crianças da maior utilidade e amigos seguros, que contribuirão, embora, sem o saber para a formação duma alma sensível e terna, mas serena e forte.

E só assim se podem deixar às crianças os companheiros mais apreciados dos seus folguedos, seres vivos como eles e como eles necessitados de amparo e protecção.

MARIA DE EÇA.

Os animais têm uma grande influência na vida das crianças. É rara a creatura humana, que nas recordações da sua infância, desses dias que a saudade doira, não tenha num canto do seu coração a saudade dum animal a quem dedicou afeição, e que lhe dedicou devotada e completa, porque é interessante notar a afeição dos animais pelas crianças, das casas onde vivem.

Para uns foi um cão, dedicado amigo e companheiro de brinquedos, sofredor de todas as traquinices dos seus amiguinhos, a quem tudo suportava.

Para outros o gato doméstico, que pronto a arranhar com as suas agudas garras de felino, encolhia mansamente as unhas e tornava de veludo as patinhas, quando brincava com as creanças da casa.

Para outros os graciosos coelhinhos, que no quintal esperam que venha a criança brincar com eles trazendo-lhes verduras para roer. Um macaquinho ladino e quasi humano, fez a alegria doutras crianças, um passarinho na gaiola que alegrava com os seus trinados, e, que batia as asas ao ver os seus pequenos donos, partilhou da afeição doutras crianças e o caso é que sem ter tido um animalzito a quem se dedicar, é rara a criança que se cria e deixem-me dizer-lhes é triste a infância dessas crianças que a não partilham com animais, que a habitua a proteger os mais fracos e a ser bons para todos os seres vivos que encontram na vida.

É tão natural esta atracção da criança pelos animais, que ela é absolutamente correspondida por éstos.

Há pais que no excesso do seu amor pelos filhos, não lhes permitem que eles tenham para companheiros de brincadeira, animais, com receio que eles os magoem ou lhes transmitam doenças. É um excesso de precaução, que priva as crianças duma grande satisfação e duma alegria, que só poderá ter uma boa influência, na formação da sua alma, a criança boa para os animais terá fatalmente de ter mais tarde, um coração compassivo para as desgraças do seu semelhante.

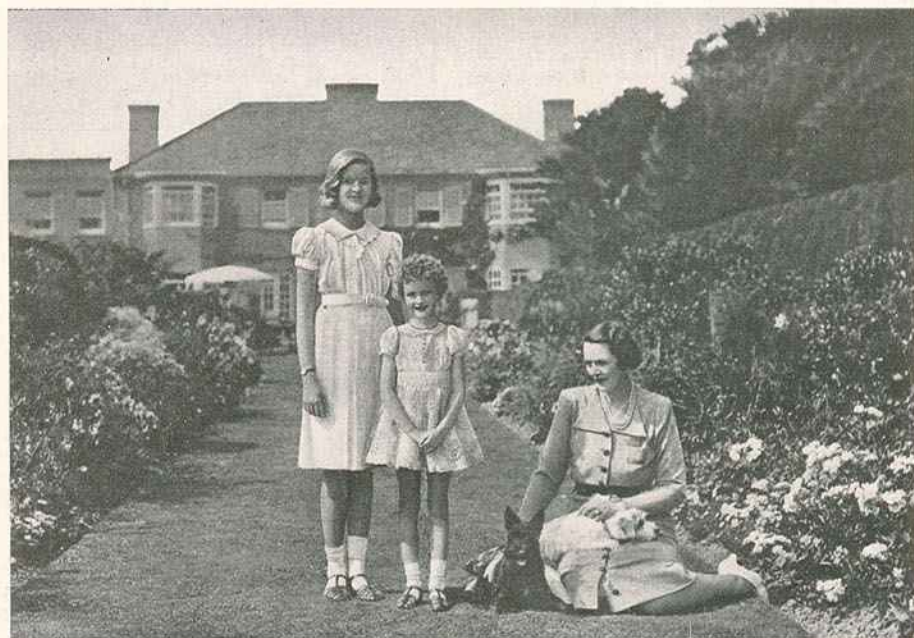
As crianças más para os animais, que não gostam deles e se comprazem em os magoar e ferir denotam ter um fundo de crueldade, que tem de ser modificado, se é que se pode modificar, mas que dão sempre mais tarde a conhecer, que o seu carácter, não é bom e que serão temíveis para a convivência diária.

Há brincadeiras que não passam de selvagens e que uma criança boa nunca tem, como amarrar latas velhas aos gatos para os espantar ou bater num cão, bom amigo, que é incapaz de morder no seu dono.

A convivência dos animais faz bem às crianças, é-lhes útil e rara é a criança que não aprecia e procura assim como raro é o animal que é mau para uma criança.

Os ingleses que são sem dúvida o povo que melhor sabe fazer a criança feliz rodeando de alegria a infância, têm sempre na «Nursery» um animal doméstico, que é o companheiro das crianças.

A criança inglesa que vive na «Nursery» num completo á vontade, brincando e fazendo barulho, é a criança que é alimentada mais convenientemente, que tem uma vida mais livre, sem o constrangimento, que a vida em contacto com os adultos causa ás pobres crianças, que se não podem expandir, sem que os nervos cansados dos seus maiores, não vibrem impacientes, com a alegria estrondosa de um começo de vida.





Como seria mais bem empregado em garridos vestuários, em alimentos, para que não houvesse crianças esfarrapadas, nem crianças com fome o preço dos «stanks» arrazadores.

Mas os homens não se preocupam que no amor do próximo está a felicidade humana, e não no ódio ao semelhante, ódio monstruoso, que enlameia e ensangüenta o mundo moral da humanidade, como a guerra ensangüenta a natureza em flor.

Olhemos com amor para a infância, primavera da vida, flores desabrochadas no mundo, sorridentes e belas, como as flores que desabrocham nos campos e nos jardins, e não deixemos que os tufoes as abatem e as delitem a terra.

Não deixemos que as lágrimas, chuva de primavera, molhem os seus rostinhos inocentes e na constância de fazer o bem aos pequeninos, que são a primavera humana, façamos refletir



SUAVE e luminosa chegou a primavera, dias claros de sol rutilante, vento alegre que agita o arvoredo, fazendo o dançar ao som da sua canção, avóres que vestem os seus vestílios novos de um verde tenro e claro, duma docura de tom inegalável e que entrelaçam as suas frescas ramadas com as odais floridas, estréilas e naidosas, que sacodem a sua vestimenta de cor forte, para fazer a seus pés um c lortido tapete, manchas de cor, que se destacam na paisagem bela dos campos de Portugal, ou nos floridos jardins das nossas cidades.

A primavera rejuvenesce os campos, a natureza íntela, cãia o seu lino de alegria, que um dia va outro de chuva, interrompe, como as lágrimas cobrem um rosto belo de rapariga que se amua com o namorado, mas entre essas chupadas, aparece o sol, como o sorriso entreabre os lábios da jovem amada, que tem atnada os olhos banhados em pranto.

A primavera traz alegria às almas, como traz aos campos o alegre chilrear da passarada, alegre de viver. E como seria bom se ela trouxesse, a alegre, a sorridente primavera, que embeleza a natureza, que se mostra compassiva com as mais humildes insectos, que embala suavemente nas ramarias das árvores os ninhos dos passarinhos, às almas dos homens a bondade.

Essa bondade compassiva que tudo interessa e que vai da miséria material que tem fome e tem frio, que vive esmagada de dor, à miséria moral, aos desgostos íntimos que minam existências de doado e vitorior.

Bondade que inundasse de fraternal amor os homens, que lhes fizesse ver, que no mundo há lugar para todos, que os fizesse acabar com guerras tremendas, e com que o homem não mais fosse, o tordo do homem.

A natureza sorri embelezada por todas as maravilhas que a Divina Providência espalha sobre a terra, rosas e lilases perfumam o ambiente e não há recanto de terra, que não seja brotar do seu seio uma florinha singela, que é uma auidição à vida. Que impoita à natureza a maldade dos homens, ela embeleza-se para eles todos os anos nesta época.

E a humanidade cega de odio e rancor, mata-se, devora-se entre si, mancha de sangue as florestas dos montes, abre com as suas mortíferas invenções sulcos profundos nos campos floridos, destrói a bomba tudo o que há de mais belo, os campos festejando a primavera florida.

E para quê todo esse mal, que vantagem há nele? Nenhuma. Como a natureza se engalana na primavera atavando-se com os mais belos enfeites, não seria também melhor que os homens dedicassem o seu esforço a favor da primavera da vida. Que o diabo que se agita em armamento mortífero, fosse posto em férias felizes as crianças que desabrocham, verdadeira primavera humana.

Quantas vieches em que esses botões de rosa floridas, encontrassem o bem estar, que a sua fraqueza exige, não se conseguiriam com o preço dos óbuzes que arrazam o mundo?

a primavera em nossas almas, uma primavera de alegria e de bondade, essa alegria, que nos inunda a alma ao fazer o bem, e, que a primavera festa da natureza seja também a festa da primavera humana, das eriancinhas, a quem todas devem o carinho e a caridade que se traduz em materiais cuidados. E ao ver um lino dia de sol, que todos pensam nesses encunhos pequeninos, que desejariam brincar à luz e ao sol e que vegetam em inundos becos dos bairros pobres das cidades imensas, que se estiolam, sem sol, sem ar, e sem a alimentação necessária.

Cuidemos da infância, primavera da vida, para que ela floresça como os campos belos do nosso país e como os perfumados jardins das nossas cidades.

MARIA DE EÇA.

A moda

GRACIOSA e prática a moda encantou-nos com as suas «toilettes» práticas, desde pela manhã até à noite. Nos vestidos de manhã predomi-

PÁGINA S EMININAS

mina a simplicidade, sempre dum tão belo efeito, e, que rejuvenesce a mulher tornando-a mais esbelta e gentil.

Nos vestidos de noite predomina a «draperie» que nos vestidos leves envolve a mulher na sua gracilidade, que aumenta a elegância dum corpo jovem e belo.

Estas duas tendências da moda, a simplicidade de linhas nos vestidos de manhã e a elegância das «draperies», tem apenas um defeito é que exigem um corte seguro de mestre e uns dedos de fada, para que tanto a simplicidade do vestido de manhã como a graciosidade das prézas do vestido de noite, sejam irrepreensivelmente elegantes e demostre, que embora um vestido seja simples e sem guarnições, tem a marca duma boa casa e o «chic» que se exige à mulher elegante e de apurado gosto.

E preciso que em tudo que veste uma senhora elegante tenha a cunho pessoal do seu gosto.

As nossas leitoras têm uma escolha de modélos a que poderão imprimir o seu gosto natural fazendo com que as suas «toilettes» tenham a marca da sua personalidade.

Para o género do clássico «tailleur» temos um lindo modélo em «umberland zeverd» em quadros azul, «prune», verde escuro e «beige», de forma a tomar um tom quente. A saia tem ao lado uma funda prega que marca até abaixo e lhe dá a roda necessária ao andar. O casaco no seu estilo clássico tem três algibeiras que fecham com botões eguaes aos que apertam o casaco. Um gracioso feltro em «beige» completa esta «toilette» que serve para viagem ou para desporto.

Um completo muito gracioso é o que usa a rapariga, que sorrindo nos mostra uns lindos dentes. A saia é em pano azul escuro liso, o casaco ás riscas, (as riscas estão este ano na moda, usam-se em todas as direcções). Estas riscas são em vermelho e azul escuro. As algibeiras parecem incrustações com as riscas em quadrado formando um gracioso desenho que lhes dá o aspecto de aplicações. Uma «écharpe» em vermelho dá a nota viva e um chapelinho em palha azul escura com uma guarnição de fita «gras-grain» tornam encantador este conjunto.



Tem muita novidade o completo em pano côr de couro, a saia completamente lisa, o casaco justinho e com a frente toda bordada é abotoado de alto a baixo com uns bonitos botões a gola em pé dá-lhe um aspecto militar de «dolman» dum efeito delizioso. Chapeu em palha castanha, com uma guarnição na aba em fitas «gras-grain» e tendo no alto da copa um «pompom» na mesma côr. Luvas castanhas em «peau de suède».

Para a noite ha modélos encantadores, mas não devemos esquecer que nem a todos os corpos se ajustam todos os vestidos, e, escolher aqueles que melhor valorizam a elegância de cada uma, e que marca o gosto pessoal. Temos um lindo vestido em setim rosa pálido, a saia, forma uma elegante «draperie» na frente, que é segura pela fivela em pedrarias do cinto. Sobre o vestido que é da maior simplicidade um casquinho curto, no mesmo setim, todo bordado a contos. Num rico bordado que guarnesce as mangas e a gola tornando o aspecto da «toilette» rico e luxuoso. Pode fazer-se em qualquer côr que agrade mais.

Suntuoso vestido para noite em setim preto, guarnecido a tecido «paillete». Este tecido forma uma parte da saia e a cauda assim como umas longas pontas, que vem dos hombros guarnecendo o decote das costas e caíndo em pontas. Uma tira em setim faz de cinto caíndo numa laçada ao lado.

Uma capa em penas de cisne branco completa a «toilette». É confortável leve e graciosa.

Para rapariga um vestido em setim branco sem guarnição alguma é enfeitado apenas pelas «draperies» da saia e do corpo. Estas «draperies» têm um aspecto de asan caídas, do mais gracioso efeito. O corpo é apanhado numa «draperie», que vai ao hombro direito caíndo numa graciosa laçada.

É um vestido elegante e bonito que tendo a máxima simplicidade e completa ausência de



guarnições está enriquecido pelo côrte e elegância do seu aspecto.

Vermos o que nos traz de novo a próxima quinzena, que é já de quasi verão e não deve marcar mais definitivamente a moda dessa estação.

A mulher da Transilvania

É interessante neste momento conhecer qual é a vida da mulher na Roménia. Foi ela, principalmente, a mulher da Transilvania que organizou o trabalho feminino nesse longinquo país dos Balcanes.

Foi na Transilvania que se iniciou a propaganda religiosa e nacional, criando escolas ortodoxas, organizando bibliotecas populares e muneus.

A mulher tomou plenamente a consciéncia das responsabilidades que lhe incumbem na direcção das almas e orientação da vida.

Vendo os seus lares ameaçados pelos agentes estrangeiros criaram a Sociedade ortodoxa das mulheres romenas que tem por fim educar a ju-



nos, de que uma veia unia directamente este dedo ao coração.

Esta crença é das mais poéticas e justifica bem o uso da aliança nesse dedo, aliança que para sempre deve prender o coração ao amor prometido.

Higiene e beleza

O excesso de pintura tem estragado a pele e a beleza da mulher moderna. As raparigas de 20 anos, têm, antes de fazer a «maquillage», um tom de pele de côr de batata cozida, as pestanas e sobrancelhas estragadas pelo «rimmel», e não têm a frescura própria e natural na juventude.

Mas as lamentações nada servem e tratemos de remediar o mal. Um dia de repouso em casa pode modificar um pouco esse cansaço causado pelo uso de artificios. De manhã um banho com água de alfazema. Em seguida se a pele é seca até a com um bom «cold creme» ou com glicerolado de amido. Não pôr pó de arroz nesse dia. Se é gordurosa e com tendências para acne usar a seguinte loção: Enxôfre precipitado, 10 grammas, alcool canforado 10 grammas, glicerina 5 grammas, água de rosas q. b.

Nos olhos passar um pincel molhado em óleo de ricino nas pestanas e sobrancelhas, conservar-se todo o dia sem cinta, alimentar-se com carnes grelhadas, hortaliça cozida e fruta. Ao almoço e ao jantar sopa e fruta. Antes de deitar untar a cara com gema de ovo, durante uma hora deixar estar e lavar depois a cara com água morna.

Escusado é dizer que se não recebem visitas nesse dia, nem conversas ao telefone, uma pequena sesta durante o dia é recomendável e no dia seguinte a frescura volta ao rosto fatigado.

De mulher para mulher

Rosa Branca: Não compreendo bem os meus artigos, eu não sou contra as distrações, até as acho absolutamente necessárias à vida do espirito. O que contendo é tornar as distrações no único fim da vida, e, sacrificar a elas os mais sagrados deveres. Elas são indispensáveis e quasi que a recompensa ao trabalho e à vida de todos os dias, mas nunca como actualmente algumas senhoras fazem: o divertimento primeiro que tudo, esquecendo casa, marido e filhos. Isso só pode ser condenado por toda a gente de bom senso.

Graciosa e feliz: Que o seja por muitos anos e bons e não só é graciosa e feliz mas é também boa. Os enxovalinhos pode manda-los para a Maternidade Alfredo Costa, dirigidos para a Associação dos Enxovalinhos do Recemnacido. Naturalmente que deve seguir esses cursos, que são da maior utilidade na vida duma mulher. Creia que é consolador encontrar uma menina que pensa e procede assim.

PIM DE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — R. 10, 2
Copas — A. 10
Ouros — 10, 4, 3
Paus — — — — —

Espadas — — — — — **N** Espadas — V. 5
Copas — 7 **O E** Copas — R. V. 5
Ouros — V. 7 **O E** Ouros — 9, 6, 5
Paus — D. 10, 9, 8, 2 **S** Paus — — — — —

Espadas — 8
Copas — D. 2
Ouros — D. 8, 2
Paus — R. V.

Sem trunfo. **S** joga e faz 7 vasas

(Solução do número anterior)

S joga D. e., e **N** — R. e.
N joga V. e., **E** cede ou entra do R. o.
S joga D. o., A. o., e 6 e.
O joga 8 e., **N** — V., **P.**, e **E** — 5 e.
O joga paus, **N** — D. **P.** Se **E** se balda a copas,
S balda-se ao A. e., e **N** faz as 3 vasas.
Se **E** se balda a ouros, **S** balda-se a ouros,
N joga A. **P.**, e **S** balda-se conforme a balda de
E, cumprindo as 7 vasas.

Conta-se que num vapor que navegava a 200 quilómetros de distância das costas do Brasil, se ouviu, uma ocasião, o toque de uns sinos. Todos os viajantes, se puderam convencer de que não era uma ilusão, e poucos meses depois, verificaram que no mesmo dia em que tinham ouvido os sinos, se celebrara em S. Salvador uma festa eclesiástica em que haviam tocado os sinos todos.

Pelo o que se vê, que o som percorrerá uma distância de 200 quilómetros, favorecido pelo vento.

Um antepassado da artilharia pesada

Em 1453, quando os turcos cercavam Constantinopla, um húngaro — outros dizem um valacho — descontente com a sua sorte, no seu país natal, ofereceu ao sultão os seus serviços.

Orbau — assim se chamava ele — construiu para os turcos, já munidos de artilharia, um enorme canhão, que media dois metros e setenta de circunferência, e capaz de arremessar, com formidável estrondo, balas de pedra de mil e duzentas libras, à distância de mil e seiscentos metros.

Foram precisos três meses inteiros para fundir a peça e mais dois meses para a transportar de Andrinopla, onde fora fundida, até às cercanias da capital. Cinqüenta juntas de bois a puxaram e, a cada lado, duzentos soldados a impe-

liam, ao passo que número igual de camponeses aplanavam o caminho na sua frente.

Não se sabe, diz o semanário inglês onde estes pormenores foram colhidos, se a peça de Orbau foi de poderoso auxílio para a tomada da cidade. Mas sabe-se que o seu inventor foi amaldiçoado por toda a cristandade e tratado como um renegado vil por se ter colocado assim ao serviço do Islam.

O primeiro livro impresso na Inglaterra

Bartholomeu de Glanville, que floresceu no meado do século XIV, escreveu *Proprietalibus rerum*, que foi impresso primeiramente in-folio, por Caxton, em 1480. Foi traduzido para inglês por Trevisa e impresso por Wynkin de Worde, em 1507. O dr. Dibdin, nas suas *Typographical Antiquities*, diz ser este «um volume de extraordinária beleza e raridade tipográfica». Foi o primeiro livro que se imprimiu em papel, na Inglaterra.

Que bicho será?

(Solução)



A noqueira americana ou noqueira negra, cuja madeira é tão empregada, entre nós, em marcenaria, produz um fruto muito usado, na América do Norte, para fabricar bombons com açúcar candi. Entra, igualmente, e cada vez mais, no fabrico do pão, de doces, de saladas, etc. Vendem-se, também, crus, pelas ruas, durante o inverno, transportados, em pequenos carros, pelos próprios vendedores.

Nas florestas do Brasil existem 50.000 espécies de vegetais, que fornecem ao Mundo as mais preciosas madeiras, essências, tinturas e resinas.

É proibido mesmo aos proprietários derrubar, nas regiões de vegetação escassa, para transformar em lenha ou carvão, matas ainda existentes às margens dos cursos de água, lagos e estradas de qualquer natureza entregues à serventia pública.

Qualquer árvore poderá ser, por motivo da sua posição, espécie ou beleza, por acto do poder público municipal, estadual ou federal, imune de corte, mediante indemnização ao proprietário. Para isso far-se-á no local, por meio de cercas, tabuletas ou poste, a designação da árvore assim protegida.

Labirinto



Trata-se de entrar pela porta A e sair pela porta B sem andar nunca para trás

O gorilha

O gorilha é evidentemente, o maior representante das diversas espécies de macacos. Encontra-se, em grande quantidade, em muitas regiões da África Central. O gorilha macho pode atingir uma estatura oscilando entre 1,75 e 1,90. Tem-se visto alguns com mais de 2 metros. Chega a pesar 200 kilos. A fêmea, geralmente mais pequena, não pesa mais de 100 a 125 kilos. Os gorilhas alimentam-se de plantas, aipo selvagem, azêdas, renôves de bambu e frutos tropicais. Vivem em bandos mais ou menos numerosos e constroem para si, nas árvores, umas espécie de habitats, os quais, pelo cuidado que neles empregam, lhes têm feito chamar às vezes «homens dos bosques».

Como a maior parte dos animais, o gorilha foge do homem. Ferido, é que seria mais perigoso. É raro citarem-se casos de homens atacados espontaneamente pelos gorilhas.

Tudo gasto

(Problema)

Um marido acompanha sua esposa a fazer compras. Entram em tres grandes armazens.

No primeiro, a senhora gasta 80 escudos, depois de ter pedido emprestado a seu marido uma quantia igual à que trouxera na sua malinha de mão.

No segundo armazem gasta mais 80 escudos, depois de ter pedido ao marido que lhe emprestasse tanto dinheiro como aquele que lhe resta. Segue-se a mesma operação no terceiro armazem onde a senhora novamente faz despeza de 80 escudos.

Ao retirarem-se diz a senhora para o marido: «Já não tenho nem um centavo!»

Será verdade ou não?



A nova dactilógrafa (ao telefone): — «E! a esposa do sr. Duarte? Ah! o sr. Duarte sente ter de dizer a V. Ex.ª que esta noite se vê obrigado a demorar-se no escritório até tarde, no entanto, julgo dever acrescentar que eu saio do escritório à hora habitual.»

(De «London Opinion».)

Uma boa colecção de livros
de grandes autores
dá categoria a quem a possui

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS
contra o pagamento da 1.ª prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas
que denominou

Crediário Cultural

Por êste sistema,—novo processo de vendas
adoptado nalguns países da Europa e especial-
mente da América,—contribue-se para a cultura
do povo, facilitando-se a aquisição das obras
dos mais notáveis autores.

**Prestações mensais desde vinte
e cinco escudos**, segundo a importância
da compra, **sem fiador, sempre com
a bonificação do sorteio e com
direito à escolha de obras men-
cionadas em catálogo especial.**

**O comprador favorecido com
o sorteio não paga mais nada,
saldando assim a sua conta
apenas pelo que tiver pago.**

Peçam catalogos e informações à

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

À VENDA

S. Banaboião, anacoreta e mártir

novo romance de **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 330 págs., broch. Esc. **12\$00**

Pelo correio à cobrança . . Esc. **13\$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - R. Garrett, 73-LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

**O problema da angina pectoris
O infarto do miocárdio
O síndrome de Adams-Stokes**

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, pro-
fusamente ilustrado, Esc. **25\$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

**PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO**

Banhos de água mineral e de
água do mar quentes. Banhos
CARBO-GAZOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverizações e In-
alações, etc. = = = = =

ONDAS CURTAS, DIATER-
MIA, Raios Ultra-violetas e In-
fra-vermelhos, Electricidade mé-
dica, MECANOTERÁPIA e
Maçagens. = = = = =

**MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
CULTURA FÍSICA
AQUECIMENTO CENTRAL**

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)

À VENDA

EUGÉNIO DE CASTRO

ÚLTIMOS VERSOS

1 vol. de 104 págs., brochado... **10\$00**

Pelo correio à cobrança **11\$50**

Edição especial numerada, assinada pelo autor ... Esc. **25\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, R. Garrett, 75-LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

por **JÚLIO DANTAS**
 À VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mosen del Sevillano — A Aljafria de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua galega — A rainha peregrina — El Português em Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bázria — Toledo e o «Grecos» — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa
 a cores, oiro e prata 12\$00
 Pelo correio à cobrança 14\$00

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

SAMUEL MAIA
 Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
 crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., 17\$00; broc., 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND, 73, R. Garrett, 75 — LISBOA**

Um grande sucesso de livraria

À venda a nona edição, revista
 11.º MILHAR

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um vol. de 378 págs., broc., com capa a cores e oiro . . . 12\$00
 Pelo correio à cobrança 13\$50

PEDIDOS AOS EDITORES:
LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiro

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em-bainhada! — O Barboza de Sezins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . . 12\$00 enc. . . . 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda

SAMUEL MAIA

Êste mundo e o outro

O outro mundo — Arca de Noé — Este mundo de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo de 1935 — Tempo de 1936 — Juizo final

1 volume de 298 páginas, brochado 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AQUILINO RIBEIRO

O GALANTE SÉCULO XVIII

Textos do **CAVALEIRO DE OLIVEIRA**

1 vol. de 324 págs., broc. 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Novidade literária

ROLÃO PRETO

REVOLUÇÃO ESPANHOLA

ASPECTOS — HOMENS — IDEIAS

Depoimento sobre a guerra civil espanhola e o movimento da falange nacional-sindicalista

1 vol. de 214 págs. ilustrado, brochado Esc. 10\$00
 Pelo correio à cobrança Esc. 11\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, R. Garrett, 75 — LISBOA**

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um tormosissimo volume ilustrado

6\$00

Deposítaria:
LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

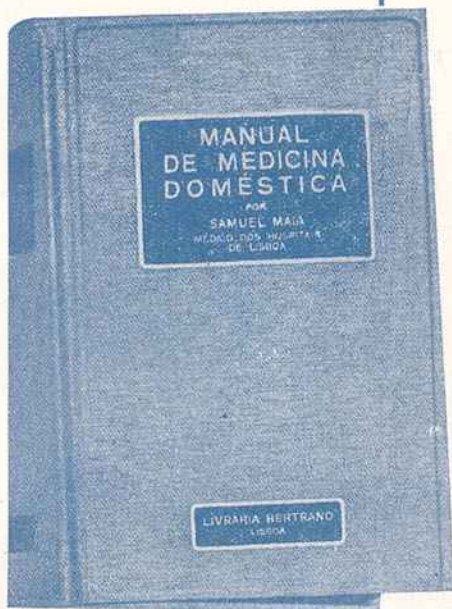
E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



Venda a prestações contra entrega imediata da obra.
O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA